



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS

WILLIAN LIMA CANEDO

(DES)VIADOS NO DISCURSO
A FORMAÇÃO DE UM VOCABULÁRIO DE IDENTIDADE E
RESISTÊNCIA NAS PÁGINAS DO *LAMPIÃO*

Araguaína/TO
2021

WILLIAN LIMA CANEDO

(DES)VIADOS NO DISCURSO
A FORMAÇÃO DE UM VOCABULÁRIO DE IDENTIDADE E
RESISTÊNCIA NAS PÁGINAS DO *LAMPIÃO*

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas para obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. João de Deus Leite

Araguaína/TO
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

C221(Canedo, Willian Lima.
(Des)Viados no discurso: a formação de um vocabulário de
identidade e resistência nas páginas do Lampião . / Willian Lima
Canedo. – Araguaína, TO, 2021.
78 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português,
2021.

Orientador: João de Deus Leite

1. Análise do discurso. 2. Lampião da Esquina. 3. LGBTQIA+. 4.
Identidade. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

FOLHA DE APROVAÇÃO

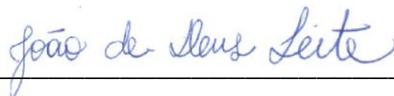
WILLIAN LIMA CANEDO

**(DES)VIADOS NO DISCURSO:
A FORMAÇÃO DE UM VOCABULÁRIO DE IDENTIDADE E
RESISTÊNCIA NAS PÁGINAS DO LAMPIÃO**

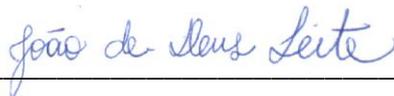
Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas para obtenção do título de licenciado em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 20 / 12 /2021

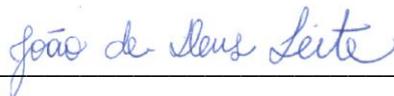
Banca Examinadora



Prof. Dr. João de Deus Leite, UFT



Prof. Dr. Wilton Divino da Silva Júnior, UFG



Profa. Dra. Ana Claudia Castiglioni, UFT

Araguaína, 2021

*Dedico este trabalho a todas as pessoas
LGBTQIAP+ que fizeram desse mundo
um lugar menos desigual para mim e
tantos outros.
A luta de vocês reverbera até hoje.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que trabalharam na zeladoria, manutenção e serviços gerais das três universidades pelas quais passei até chegar aqui, sem as quais ninguém teria um ambiente propício aos estudos.

Agradeço à minha mãe, Nora Núbia, a leitora mais voraz que eu já conheci. Que me ensinou a ler o mundo antes mesmo de me ensinar a ler as palavras. Obrigado pelo meu primeiro livro, por sempre me apoiar e estar do meu lado em todas as decisões e reviravoltas da vida, por sempre me fazer acreditar em mim mesmo e nos meus sonhos. Eu continuo lendo, e sei que você está lendo isso de algum lugar.

À minha avó, dona Maria Reis, mulher dura como o aço, que ensinou a mim e a toda a família a ser forte e estar firme em meio ao desespero. Sem isso eu nunca teria chegado até aqui, nem a lugar nenhum. Ao meu irmão Saimon, por me ensinar todos os dias o valor da mudança e o poder que nós temos para construir um mundo melhor. Obrigado por aguentar meus surtos de vez em quando.

Às minhas tias e tios por, de um jeito ou de outro, me mostrarem muito sobre o mundo e a vida. À minha prima Mariane por todas as aventuras vividas juntos.

Às minhas amigas Jullyana, Juliana, Giulia, Yuri, Alexandre, Odair, Rafael, Vini, Bruno, Dhiogo, Thiago, Fabrício, Gabriel, Hygor, Dilson e Edu, pelas contribuições em várias formas à minha vida acadêmica, que de algum modo desembocaram nesse trabalho. Amo vocês demais.

Ao meu namorado, amigo e companheiro Hugo Gross, por todo o suporte, calma, paciência e incentivo durante todo o processo dessa produção. Obrigado por não desistir, por me apoiar e por me mostrar que às vezes eu só preciso lembrar que não estou sozinho.

A todas as professoras e todos os professores que fizeram presença na minha vida escolar e acadêmica, não há um só que eu não me lembre. Em especial, prof^a Tarsilla, obrigado por ser até hoje uma pessoa em quem eu me espelho

profissionalmente, literariamente e em muitas outras coisas que máquinas não podem fazer.

Ao meu amigo Jonathan Chasko, por ter sido quase um tutor durante esse trabalho. Espero que estejas contente em ter me cooptado para a balbúrdia que chamamos de Análise do Discurso. Ao meu orientador João de Deus Leite, por ter sido o orientador com mais paciência que eu já tive, obrigado por me incentivar e ajudar quando foi necessário (mesmo eu pedindo ajuda fora de hora).

À UFG, à UNIOESTE e à UFT, por terem me formado por inteiro. A todos os livros que eu li e que fizeram sentido, e ainda mais aos que não fazem sentido até hoje. A todos os prazos, limites, notas e correções. A todos os desesperos, traumas, conflitos. Foi com isso tudo que eu me desfiz e refiz até fazer esse trabalho.

A todas as pessoas trans, travestis, lésbicas, gays, bissexuais e pessoas queer em geral que morreram em combates, ou nas ruas, vítimas do ódio social. É por causa da luta de todas elas que eu estou vivo hoje. É por causa das vidas de todas elas que eu posso escrever hoje meu trabalho. É por causa do sangue derramado de cada uma delas que eu posso ser quem eu sou e lutar para que cada uma e cada um possa ser quem é sem medo. É por causa do legado de todas essas pessoas que hoje eu posso me afirmar enquanto gay e viver minha verdade, transformando isso em ciência e conhecimento para que cada vez mais pessoas LGBTQIAP+ tenham o direito de existir sendo quem são. Em especial, um agradecimento a João Silvério Trevisan, em quem eu me inspiro em vários níveis.

Aos membros da banca que aceitaram ler este sem-fim de palavras ajuntadas. Espero que faça sentido para vocês como faz pra mim.

“Chega de gente falando em nosso nome e se apossando da nossa voz. Só haverá verdadeira conquista de direitos se começarmos por conquistar a nossa voz. Aliados, sim. Senhores, nunca mais. Seja qual for a sua cor política.”

João Silvério Trevisan

RESUMO

A ditadura militar brasileira foi um período de enormes retrocessos no tocante às liberdades e direitos da população, especialmente de minorias sociais, mas também um período que permitiu a formação de fortes grupos e ações de resistência. Nesse sentido, o jornal *Lampião da Esquina* teve grande importância na luta pelos direitos da comunidade LGBTQIAP+. O presente trabalho tem como objetivo analisar o modo como o jornal utilizou algumas unidades lexicais e expressões consideradas pejorativas à comunidade LGBTQIAP+ de modo a ressignificar seus sentidos. A partir dos pressupostos teóricos de Pêcheux e Orlandi sobre a Análise do Discurso, analisamos as edições zero, um, dois, vinte e sete, vinte e oito e vinte e nove do *Lampião da Esquina*, a fim de fazer um batimento entre o início e uma fase mais adiantada das publicações, nas sessões “Opinião” e “Cartas na mesa”, para que fosse possível comparar o uso das palavras pelo corpo editorial e por leitores. Com essa análise, fizemos uma discussão sobre os impactos do jornal no meio social e no Movimento pela Liberação Homossexual, mostrando como a discursividade do *Lampião da Esquina* se compõe como um Acontecimento Discursivo e forma um vocabulário de identidade e resistência que promoveu impactos na luta pelos direitos LGBTQIAP+.

Palavras-chaves: Análise do Discurso. *Lampião da Esquina*. LGBTQIA+. Identidade. Acontecimento Discursivo.

ABSTRACT

The Brazilian military dictatorship was a period of huge setbacks with regard to the freedoms and rights of the population, especially the social minorities, but also a period that allowed the formation of strong groups and actions of resistance. In this sense, the newspaper *Lampião da Esquina* had a great importance in the fight for the rights of the LGBTQIAP+ community. This work aims to analyze the way in which the newspaper used some lexical unities and expressions considered pejorative to the LGBTQIAP+ community in order to reframe its meanings. Based on the theoretical assumptions of Pêcheux and Orlandi on Discourse Analysis, we analyzed the editions zero, one, two, twenty-seven, twenty-eight and twenty-nine of *Lampião da Esquina*, in order to make a match between the beginning and a more advanced phase of the publications, in the “Opinião” and “Cartas na mesa” sessions, so that it was possible to compare the use of some words by the editorial board and by readers. With this analysis, we discussed the impacts of the newspaper on the social environment and on the Movement for Homosexual Liberation, showing how *Lampião da Esquina*'s discursiveness is composed as a Discursive Event and forms a vocabulary of identity and resistance that promoted impacts in the struggle for LGBTQIAP+ rights.

Key-words: Discourse Analysis. *Lampião da Esquina*. LGBTQIA+. Identity. Discursive Event.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho símbolo do jornal Lampião da Esquina	35
Figura 2 - Fluxograma: A gradação degradante	52
Quadro 1 - Ocorrência dos vocábulos nas edições de <i>Lampião</i>	45
Imagem 1 - Comissão de Homossexuais Pró-1º de Maio na Greve Geral do ABC ..	69
Imagem 2 - Faixa em defesa do/a trabalhador/a homossexual em manifestação de Greve Geral no ABC Paulista	70
Imagem 3 - Passeata contra repressão policial	71

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	AS VIAS DO DISCURSO: ESQUINAS	18
2.1	Da Esquina: o discurso e os cursos dos sentidos	20
2.2	Na Esquina: o sujeito entrecruzado	24
2.3	Pela esquina: a manifestação da ideologia através da veiculação de Formações Ideológicas e Discursivas	26
2.4	Para a Esquina: o Acontecimento Discursivo	28
3	UMA LUZ SOBRE O CAMINHO: LAMPIÕES	30
3.1	Do Lampião: olhando nosso objeto	31
3.2	No Lampião: o trabalho por dentro do objeto	36
3.3	Pelo Lampião: o que encontramos no meio	40
3.4	Para o Lampião: de cara no foco	42
4	DE PALAVRA EM PALAVRA: EMBATES	44
4.1	Gay x Guei: a brasilidade em jogo	45
4.2	Homossexual, guei, viado, bicha: uma gradação degradante	48
4.3	Homossexualidade ou Homossexualismo?	52
4.4	Entendido: o que se entende?	55
4.5	Travestis e bonecas: a questão do gênero	56
4.6	Cadê a sapatão?	60
4.7	Frescura: qualidade ou desnecessário?	61
4.8	Enfim... ..	65
5	A RESISTÊNCIA ENQUANTO IDENTIDADE: EFEITOS (D)E SENTIDOS	65
	REFERÊNCIAS.....	75

**(DES)VIADOS NO DISCURSO:
A FORMAÇÃO DE UM VOCABULÁRIO DE IDENTIDADE E
RESISTÊNCIA NAS PÁGINAS DO *LAMPIÃO***

1 INTRODUÇÃO

*“Menos pela cicatriz deixada, uma ferida antiga mede-se
mais exatamente pela dor que provocou, e para sempre
perdeu-se no momento em que cessou de doer, embora
lateje louca nos dias de chuva.”
- Caio F. Abreu*

O período da ditadura civil-militar no Brasil (1964 – 1985) foi um tempo de grande involução para a história nacional. Marcada por mortes, por tortura, por desaparecimentos e pela massiva retirada de direitos de cidadania brasileiros. A ditadura trouxe, ainda, a insuflação de movimentos em defesa das liberdades e de luta por um avanço progressista na política nacional. Neste sentido, houve o levante de uma série de movimentos sociais de representação de minorias sociopolíticas, entre eles o Movimento de Liberação Homossexual, que lutava pelo direito à igualdade da comunidade LGBTQIAP+, e utilizava-se de diversas abordagens para reunir militantes e ativistas em prol dos direitos humanos. Uma dessas abordagens, de cunho informativo e intelectualizado, foi o jornal *Lampião da Esquina*.

O jornal, conhecido periódico dos anos finais da ditadura civil-militar brasileira, foi um marco na produção de conteúdo e de veiculação de informações voltadas à comunidade LGBTQIA+, à época chamada apenas de comunidade homossexual. Nas décadas de 70 e 80, no Brasil, período histórico em que estará mais concentrado o nosso estudo, os conhecimentos e os estudos acerca da sexualidade humana ainda não tinham grande desenvolvimento no Brasil – especialmente em virtude do momento político que não foi propício ao desenvolvimento intelectual voltado às questões sociais. Assim, a denominação ainda era aquela que considerava a diversidade sexual como sendo apenas a homossexualidade em dicotomia diametralmente oposta à heterossexualidade. De acordo com Bortoletto (2019), a representação por sigla:

nasceu primordialmente representada pela sigla GLS, que incluía unicamente os gays, as lésbicas e simpatizantes, uma sigla a essa altura com grande foco no comercial. Com a revelação de outras homossexualidades que ainda se mostravam distintas daquelas que eram representadas, novas siglas foram nascendo, novos termos e novos conceitos. Foi no ano de 2005, no XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, que a letra “b”, de bissexuais, passou a fazer parte oficialmente da sigla, tal como foi onde ocorreu a conciliação de que a letra “t” passaria a referir igualmente aos indivíduos travestis, transexuais, e transgêneros dentro da comunidade. Posteriormente, a sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) se tornaria a denominação oficial, conforme aprovado pela I Conferência Nacional GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). Mesmo que uma decisão recente, a sigla continua em mudança. Nos meios de militância, ainda surgem novas letras para representar novas homossexualidades, como o “i” de intersex, o “q” de queer e o “a” de agêneros e 11 assexuados. Neste artigo, a essa altura já possível de se distinguir, existe a preferência pela sigla LGBTQIA+, que inclui as duas categorias anteriormente mencionadas e o “+”, que vem a indicar a possibilidade da inclusão de novas homossexualidades. Basta concluir por ora que a denominação é aberta e sempre sujeita a mudanças. (BORTOLETTO, 2019, p. 10-11)

Como podemos perceber, as discursividades acerca das diversidades sexuais são recentes. Mais recentemente, para além do que nos informa a citação anterior, foi acrescida a letra “P” antes do “+” na sigla, representando a pansexualidade. Essa pluralidade de conceitos e o reconhecimento da importância de marcá-los no movimento são frutos do desenvolvimento sexual que floresceu em abundância nos anos 90 e 2000; no entanto, aqui tratamos com um material bem anterior que ainda utiliza a denominação mais resumida da comunidade. Não nos comprometemos, neste estudo, a adentrar muito à fundo nas questões relativas aos estudos sobre sexualidade ou gênero, mas sim investigar como essas questões foram representadas em um meio midiático alternativo que teve grande alcance dentro – e mesmo fora – da comunidade LGBTQIAP+.

Sendo assim, lidamos, neste trabalho, com um grupo minoritário que, sendo historicamente elemento representado, ganha espaço para representar a si mesmo e ao mundo, apresentando-se ao mundo, de acordo com o que é levado a pensar e a formular sobre si mesmo. Nesse sentido, estudar a produção do periódico é também um exercício de autorreflexão sobre as autorrepresentações e as ideologias que permeiam estas.

O *Lampião da Esquina* reuniu diversos artistas e intelectuais em sua equipe editorial. Produzido entre 1978 e 1981 no eixo Rio - São Paulo, mas

difundido por regiões do Nordeste, do Norte, do Sul e do Centro-Oeste do país, logo se tornou alvo de perseguições e mesmo de atentados organizados pelo regime militar por trazer tópicos considerados polêmicos e revolucionários pelo tradicionalismo do governo e de parte da sociedade. Com uma linguagem ácida e crítica, o *Lampião*, como ficou conhecido, utilizava-se de “piadas” e de palavras ofensivas usadas contra a comunidade LGBTQIAP+ para ironizar aqueles que eram contra o Movimento e formar uma ideia de identidade para a comunidade a partir destes considerados insultos. João Silvério Trevisan, escritor, ativista e um dos membros fundadores do grupo editorial do jornal, aborda as publicações em seu livro *Devassos no Paraíso* (2018):

Lampião vinha, bem ou mal, significar uma ruptura: onze homens maduros, alguns muito conhecidos e respeitados intelectualmente, metiam-se num projeto em que os temas tratados eram aqueles considerados “secundários” – tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia, machismo –, e a linguagem empregada era comumente a mesma **linguagem desmunhecada e desabusada** do gueto homossexual.” (TREVISAN, 2018a, p. 317, grifos nossos)

Tendo sido uma publicação, como diz o autor, de ruptura, em especial no tocante à linguagem utilizada, chama a atenção o modo como o grupo de intelectuais conseguiu unir informações sobre temas importantes (e socialmente negligenciados) em uma linguagem considerada marginal, atingindo um público que se identificou a ponto de se apropriar de termos considerados ofensivos. Neste trabalho, buscaremos entender um pouco mais sobre o processo de formação de um vocabulário de identidade e de resistência da comunidade LGBTQIAP+ a partir da análise de publicações do *Lampião da Esquina*; nosso foco será investigar como o *Lampião* compôs e veiculou, junto aos movimentos de luta pela liberação homossexual e outros movimentos de esquerda, um vocabulário de identidade e de resistência para a comunidade. Pensando nessa linguagem utilizada, pretendemos observar também como se deu o processo de ressignificação de algumas palavras após o uso destas pelo *Lampião*.

Para desenvolver este estudo, teremos como base teórica o que preconiza a Análise de Discurso de orientação francesa, proposta por Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi. Buscamos mobilizar os conceitos de funcionamento discursivo, de pré-construído e de memória

discursiva para observar os sentidos produzidos pelos termos empregados pelo *Lampião* antes das publicações; de lugar social, de lugar discursivo e de posição-sujeito para compreender como estes influenciam e se entrecruzam na trajetória de filiação discursiva do jornal; de planos de constituição, de formulação e de circulação para investigar o impacto das publicações no meio social pelo viés discursivo; e, por fim, tomando a hipótese de que as publicações do *Lampião* compõem um acontecimento discursivo, analisar os efeitos de sentido provocados pelo uso de unidades lexicais à época consideradas ofensivas e marginalizadas e a formação de um vocabulário que inflou um movimento a tomar força por meio de processos identitários de resistência. Importante ressaltar que, em nosso trabalho, entendemos resistência como um processo de produção enunciativa que leva à subversão de relações de poder e construção de um lugar de resistência no discurso.

Viver em 2021 é deparar-se constantemente com a volta de referências a práticas da ditadura e o esforço de movimentos sociais pela garantia de direitos civis da população. Em especial, a comunidade LGBTQIAP+, apesar de avanços constitucionais, tem sofrido diversos ataques institucionais e mesmo governamentais no tocante ao seu direito à vida e à existência plenas. Nestes momentos, é importante voltar o nosso olhar para a história de luta da comunidade e tomar como exemplo a coragem e a dedicação de nossos antecessores. O presente trabalho justifica-se pela importância, no contexto atual, de estudos que reverenciem estas lutas e, em especial, as produções derivadas destas lutas, considerando que os efeitos de sentido de discursos do período ditatorial reverberam até hoje.

É também com vistas a compreender essa relação entre sociedade, história e discurso que promovemos, neste trabalho, um batimento entre os sujeitos, suas formações, identidades, ideologias e a influência desses processos na (re)produção de discursos. De acordo com Orlandi (1990),

Para dar conta da exterioridade que constitui o discurso, é preciso aprender as relações entre formações discursivas. Essas relações, representantes da relação com a exterioridade, se remetem ao interdiscurso, sendo este definido como o lugar de constituição dos sentidos, a verticalidade (domínio da memória) do dizer, que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito. (ORLANDI, 1990, p. 42)

Por esta razão, iniciaremos nossa incursão pelos sentidos de *Lampião* passeando brevemente pelos conceitos da Análise de Discurso a que nos

propomos mobilizar, a fim de estabelecer os parâmetros de nosso referencial teórico para o trabalho. No capítulo “As vias do discurso: Esquinas”, a partir de uma explanação sobre a teoria, nós alinhamos os entrecruzamentos com os quais nos deparamos nas esquinas dos discursos.

Em seguida, com fins de dar suporte ao nosso proceder, iluminaremos os procedimentos que nos levam ao discurso de nosso objeto de pesquisa, no capítulo “Uma luz sobre o caminho: Lampiões”. Fazendo uma descrição e breve revisão dos elementos constitutivos, entre objeto, sujeitos e condições de produção, constitutivos ao nosso material de análise, queremos, neste ponto do trabalho, trazer à luz a metodologia que compõe este trabalho; assim, destacamos também o processo de preparação e de contextualização de nossa análise, alumando o caminho que iremos percorrer.

Dado isto, entramos propriamente na análise, no capítulo “De Palavra em Palavra: Embates”. Elencamos um conjunto de unidades lexicais que nos trouxeram algumas conclusões acerca de processos ideológicos e identitários dos sujeitos atuantes em *Lampião*, assim como enveredaremos pelos caminhos dos efeitos de sentido que tais palavras, na linguagem utilizada no jornal, evocam, mobilizam e até mesmo transformam. Buscamos entrar no campo de batalha dos sentidos, em que ideias e formações são compreendidas a partir da linguagem em movimento. Olhando para estes embates, pretendemos entender melhor sobre os processos de representação de um grupo em um tempo e em uma sociedade particulares, assim como os efeitos disso nesse grupo, nesse tempo e nessa sociedade.

Por fim, nas considerações finais, promovemos uma reflexão sobre o que a análise pode nos mostrar e que efeitos os discursos de *Lampião* tiveram em seu tempo e nos tempos posteriores. Tratemos, nestas finais considerações, um apanhado sobre os desenvolvimentos da luta LGBTQIAP+ ligados a essa movimentação linguística de sentidos, ou a falta deles, uma vez que o discurso dos homossexuais foi duramente perseguido pelo governo ditatorial militar. Como ressaltado por Orlandi (1990),

O mecanismo de silenciamento é um processo de contenção de sentidos e de asfixia do sujeito porque é um modo de não permitir que o sujeito circule pelas diferentes FDs, pelo seu jogo. [...] Mas, se de um lado o silêncio serve para pôr em funcionamento o apagamento de sentidos, ele serve também para produzir a resistência. (ORLANDI, 1990, p. 52)

Assim, com um olhar sobre esse conceito linguístico de resistência, como já mencionado, propomos o entendimento do debate linguístico estimulado pelo jornal como um acontecimento discursivo que, à medida que alterou a memória sobre determinadas palavras consideradas ofensivas às pessoas LGBTQIAP+, transformou estas palavras em ferramentas de luta, como elementos de identidade e de resistência dos movimentos que tanto batalharam pela garantia de direitos desta minoria.

Para além disso, buscamos com o presente trabalho ressaltar a relevância dos estudos linguísticos para uma compreensão mais acertada de certos processos sócio-históricos. Neste ínterim, queremos também ampliar as discussões teóricas, baseadas na Análise de Discurso, sobre os efeitos discursivos na sociedade em um processo que altera certas memórias discursivas cristalizadas e levam a novas reflexões acerca do modo como percebemos, expressamos e somos levados a perceber e a expressar o mundo ao nosso redor, assim como nós mesmos.

É de extrema importância lembrar-nos dos processos e das estratégias de luta que nos garantiram direitos. É essencial produzir conteúdo acadêmico e pesquisas sobre as práticas que nos levaram à conquista de melhorias sociais. É preciso promover, divulgar e incentivar esta prática para, além de compor uma história dos movimentos sociais das minorias políticas, continuarmos firmes na luta pelo desenvolvimento de uma sociedade mais justa, igualitária e equânime.

2 AS VIAS DO DISCURSO: ESQUINAS

I'd like to pretend that I've never seen anything, never read anything, never heard anything...and then make something.
-Keith Haring

No presente capítulo, iremos apresentar alguns conceitos da Análise do Discurso que nos serão importantes ao observar os recortes feitos a partir das publicações do jornal *Lampião da Esquina*, nosso corpus de pesquisa. Iremos aqui também refletir (brevemente) sobre esses conceitos a fim de compreender melhor o funcionamento do discurso para, depois, amparados pelo aparato

teórico aqui mobilizado, analisar o que nos interessa dentro das sequências discursivas eleitas.

A Análise de Discurso (doravante, AD), enquanto abordagem linguística, constitui-se como uma possibilidade de ótica sobre os sentidos da linguagem. Surgida no contexto francês da década de 1960, proposta por Michel Pêcheux – e mais tarde introduzida no Brasil, na década de 1970, pelos estudos de Eni Orlandi – a AD de orientação francesa nos permite lançar um olhar sobre o que é dito, não apenas pelo viés estruturalista como postulou Saussure (2006), quando disse que a língua significava arbitrariamente por si só. Procura-se, nessa abordagem, observar as flutuações e deslizamentos pelas quais os sentidos são (re)definidos, de acordo com o uso, condições de produção, de circulação, e os processos ideológicos vinculados às práticas discursivas. Os estudos que até então punham o discurso em foco o entendiam como o efeito de sentido entre interlocutores, e tiveram princípio no trabalho de várias áreas, como salienta Pêcheux (2014):

A análise do discurso na França é antes de tudo – e isto desde 1965 mais ou menos – um trabalho de linguistas (referindo-se inicialmente ao distribucionalismo harrissiano, na linha dos trabalhos de J. Dubois), mas também de historiadores (mais frequentemente especialistas do século XVIII e da Revolução Francesa) e de alguns psicólogos (especialistas de psicologia social, em ruptura crítica com essa disciplina). (PÊCHEUX, 2014a, p. 283).

A partir desta nova concepção proposta por Pêcheux, a linguagem é tida como processo em que a opacidade se estabelece, produto da ação de sujeitos em um determinado contexto e marcado na história; não se trata apenas da comunicação enquanto veiculação de informação, mas os efeitos de sentido que o funcionamento da linguagem produz e/ou altera em seu caminho discursivo. O estudo da língua enquanto objeto científico, preconizado pelos estruturalistas, nesta abordagem ganha um elemento de suma importância para a AD francesa: o sujeito. Enquanto a linguística estruturalista buscava separar a língua como objeto científico, uma vez que considerava o falante como um elemento de desordem que colocaria em cheque a normalização proposta pelos estudiosos daquela vertente, o que vemos acontecer na AD é uma integração deste elemento imbuído de seu trajeto social, histórico e cultural para que, com isso em vista, fosse possível analisar qual a influência desse sujeito atuante no falar em relação aos sentidos produzidos ao falar.

Michel Pêcheux propõe essa ligação entre o linguístico e o sócio-histórico para que não se trate apenas do falado, mas do falar em ação. De acordo com Eni Orlandi (2005),

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. [...] O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2005 p.15)

Com este novo conceito e objeto de estudo diferenciado da linguística estrutural, temos na nova vertente uma perspectiva em que mais elementos são trazidos à superfície da língua para que esta produza sentidos, uma vez que, como trouxemos acima, os novos estudos surgem de uma incursão pela psicologia, pelo materialismo histórico e outros campos de saberes; não mais se trata de língua, mas de discurso.

2.1. Da Esquina: o discurso e os cursos dos sentidos

Neste tópico entraremos no conceito do objeto de estudo da AD – O discurso. Como visto, a AD olha para a prática de linguagem em sua propriedade de produzir sentidos, considerando o sujeito emissor do discurso e tudo o que o interpela e o inscreve em determinado falar. O discurso, nessa abordagem teórica, é o intermédio entre o ser humano e o mundo ao redor; nesse processo de significação, é possível tanto dar continuidade quanto transformar o ser humano e sua percepção da realidade em que vive. Sendo assim, entenderemos os discursos veiculados pelo *Lampião da Esquina* como mediadores da percepção de seus leitores, a fim de olhar para o discurso como linguagem em exercício. O jornal, de repercussão no meio gay brasileiro do período ditatorial – especialmente dos anos finais da ditadura – trouxe uma interessante perspectiva discursiva a respeito do tratamento dado à comunidade LGBTQIA+ (à época denominada apenas homossexual), e entender esses procedimentos do jornal enquanto manipulador da linguagem e do discurso nos será de interesse durante o trabalho.

O discurso, tomado como prática de linguagem, possui um poder interessante sobre a língua e a gramática. Em movimento, a linguagem rompe com a normatividade gramatical e com a estrutura que a “segura” em certas bases e normas, pois o discurso transgride os limites e pode se compor e

estruturar em uma infinidade de maneiras. Pode, inclusive, ser composto por uma frase, ou várias. O discurso é tido para a AD como um campo superior às estruturas normativas gramaticais, e uma dimensão a partir da qual podemos olhar estruturas que extrapolam o lexical ou sintático. Nas palavras de Pêcheux (2014),

Chamaremos discurso uma sequência linguística de dimensão variável, geralmente superior à frase, referida às condições que determinam a produção dessa sequência em relação a outros discursos, sendo essas condições propriedades ligadas ao lugar daquele que fala àquele que o discurso visa, isto é, àquele a quem se dirige formal ou informalmente, e ao que é visado através do discurso (PÉCHEUX, 2014b, p. 214)

Em outras palavras, podemos dizer que tudo aquilo que é dito em algum momento, dentro de determinadas condições, em algum lugar, por um sujeito e direcionado a um público, constitui um discurso. Tal concepção traz consigo vários elementos que, entrecruzando discursos, produzem novos sentidos. A posição de onde o sujeito fala, a conjuntura socio-histórico-cultural em que o discurso é (re)produzido, a circulação destes discursos e mais uma série de elementos possibilitam diversos efeitos de sentido. A AD preocupa-se não com o que um enunciado significa, mas o que ele *pode* ter como efeito de sentido em determinado contexto e de acordo com suas condições de (re)produção. É importante ressaltar neste momento que, ao considerar essa relação com a exterioridade para lançar um olhar sobre as possíveis significações de um discurso, não estamos olhando além dele, mas sim a partir da materialidade discursiva que ele nos apresenta. Não buscamos por elementos exteriores à linguagem, mas sim a relação desses elementos com a linguagem e o atravessamento deles, compondo o que a AD irá chamar de interdiscurso:

A análise de discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando “o” sentido dos textos, mas somente *construir procedimentos* expondo o olhar-leitor a níveis opacos à ação estratégica de um sujeito (tais como *a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados*, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro) (PÉCHEUX, 2014a, p. 291 – grifos nossos)

Sobre o interdiscurso, concepção que também nos ajudará a entender nosso *corpus*, pode-se dizer que é um gerenciador das questões discursivas no tocante a quem pode dizer e o que pode ser dito. Eni Orlandi (2005) evidencia

o interdiscurso como um elemento fundamental para a interpretação, fazendo parte do processo de compreensão de um texto enquanto memória constitutiva:

Para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha, pelo equívoco, pela opacidade, pela espessura material do significante. Daí resulta que a interpretação é necessariamente regulada em suas necessidades, em suas condições. Ela não é mero gesto de decodificação, de apreensão do sentido. A interpretação não é livre de determinações: não é qualquer uma e é desigualmente distribuída na formação social. Ela é “garantida” pela memória sob dois aspectos: (a) a memória institucionalizada (o arquivo), o trabalho social da interpretação em que se separa quem tem e quem não tem direito a ela; (b) a memória constitutiva (o interdiscurso), o trabalho histórico da constituição do sentido (o dizível, o interpretável, o saber discursivo). (ORLANDI, 2005, p. 47-48)

Ou seja, para que possamos interpretar um discurso, como pretendemos interpretar os discursos presentes nos excertos que tiraremos do *Lampião*, é necessário encontrar essa conexão entre memória institucionalizada e memória constitutiva, e aqui nos deparamos com mais um conceito que nos será caro neste trabalho: o arquivo. Em AD, o arquivo é “entendido no sentido amplo de ‘campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão’” (PÊCHEUX, 2014c, p.59). Nesse ínterim, tomamos as publicações do *Lampião* como arquivo que nos mostra certos dizeres e discursos acerca da comunidade gay nos anos em que o jornal foi publicado, uma vez que este campo documental nos servirá de material de análise. Mais do que isso, essa noção de arquivo nos servirá como constituinte da interpretação de nosso corpus, uma vez que, como acima visto, em relação com o interdiscurso, compõe a memória discursiva a respeito do tema analisado. Nesse jogo entre análise linguística e discursiva é que se encontra a leitura do arquivo, pois, como diz Pêcheux (2014c), “É esta relação entre *língua* como sistema sintático intrinsecamente passível de jogo, e a *discursividade* como inscrição de efeitos lingüísticos [sic] materiais na história, que constitui o nó central de um trabalho de leitura de arquivo.” (PÊCHEUX, 2014c, p. 63, grifos do autor).

Outro ponto importante a destacar, desta vez a respeito do interdiscurso, presente neste jogo discursivo de interpretações, é que ele é composto por uma gama discursiva mais ampla, em que se pode localizar tudo o que já foi dito, é dita ou pode ser dito, enquanto possibilidade. Sobre o Interdiscurso, Pêcheux (1990) nos explica:

O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o 'anonimato', possa fazer sentido em 'minhas' palavras (PÊCHEUX, 1990, p. 31-32).

Em outros dizeres, temos o interdiscurso como o campo das possibilidades e dos já-ditos, enquanto arcabouço discursivo. Dentro do interdiscurso vemos que esse compilado de já-ditos compõe uma certa memória discursiva sobre determinado tema, como é mencionado na citação acima. Esses já-ditos fazem parte do que a AD chama de pré-construído, que é identificável no intradiscurso (sentidos produzidos pelo sujeito ao mobilizar discursos) por meio do interdiscurso. De acordo com Apinajé (2020)

O interdiscurso, lugar de constituição dos sentidos, se materializa via pré-construído como aquilo que fala antes e é responsável por sustentar o que está sendo dito no momento atual. No mo(vi)mento de identificação de elementos do pré-construído no intradiscurso, é possível notar o interdiscurso. (APINAJÉ, 2020, p. 31)

Essa noção de pré-construído é importante para a AD, especialmente em análises como a nossa em que buscamos fazer um comparativo dos usos de terminologias ou expressões ao longo de um certo período de tempo. Pêcheux (2014a) se refere a este elemento como um ente discursivo que “remete a uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é ‘construído’ pelo enunciado. Trata-se, em suma, do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático” (PÊCHEUX, 2014a, p. 89). Para a AD, então, o pré-construído são ditos já socialmente cristalizados e tomados como verdade em um meio. Por via de repetições e clivagens ideológicas, certos dizeres são tornados verdades quase absolutas socialmente, o que liga, no imaginário dos sujeitos, certas construções discursivas a imagens ou conceitos afixados, elevando alguns ditos ao patamar de verdade. Essa noção nos ajudará a entender que efeitos de sentido alguns dizeres provocavam antes do uso pelo *Lampião*, assim como nos mostra um pouco do processo de transformação das significações destes dizeres. Buscamos entender se este pré-construído, que carrega discursos já historicamente cristalizados, pode ser alterado de acordo com o deslocamento de sentidos em certos usos do discurso por certos usuários ou falantes. Neste objetivo, um outro elemento que

precisamos analisar aqui é a composição discursiva daquele que fala, que põe a linguagem em prática: o sujeito.

2.2. Na esquina: o sujeito entrecruzado

A AD destaca o sujeito como um ser historicamente constituído, atravessado e clivado pelas ideologias circundantes e por elas formado discursivamente. Em Pêcheux (2014a), vemos que o sujeito para a AD não é o sujeito independente ou autônomo, mas assujeitado por aquilo que o entrecruza; não é o sujeito psicológico que se diz responsável por aquilo que produz, muito menos o sujeito epistêmico que funciona pelo viés da lógica; isso se justifica pelo fato de que os efeitos de sentido e as questões da linguagem não se dão exclusivamente pela lógica ou pela psique, ou seja, o que difere o sujeito da AD é também essa intervenção da linguagem, uma vez que a AD lhe atribui uma dimensão material linguística e histórica. De acordo com Silva (2017)

O sujeito na AD é, em sua essência, histórico, conduzido pela ideologia, e interpelado por ela. Um sujeito assujeitado ideologicamente e guiado pelo inconsciente. O dizer não nasce no sujeito, nasce em determinado contexto. O sujeito é social, é histórico e cultural. (SILVA, 2017, p. 26)

Assim, podemos pensar no sujeito da AD como este ente que, levado a (re)produzir discursos pelas ideologias que o entrecruzam, não possui de fato controle sobre aquilo que promove e, ainda, sobre os efeitos de sentido que produz nos discursos que mobiliza em sua fala. Esse sujeito, ideologicamente assujeitado, faz emergir certas discursividades em sua fala e manifesta dizeres que já fazem parte do interdiscurso, no entanto clivando estes em um contexto sócio-histórico-cultural. Como diz Orlandi (2012), “as palavras não significam por si, mas pelas pessoas que as falam, ou pela posição que ocupam os que falam. Sendo assim, os sentidos são aqueles que a gente consegue produzir no confronto do poder das diferentes falas”. (ORLANDI, 2012, p. 125)

Tendo isso em vista, podemos dizer que os dizeres significam de acordo com a mobilização de discursos pelo sujeito, e sendo este inconsciente e não-

responsável pelo que diz, devemos colocar em prática outra noção que é cara à AD nesse íterim: a posição-sujeito. Sendo o falante um sujeito empírico, constituinte do mundo sensível, este apresenta um lugar social que ocupa e que o limita, controla, atravessa. O sujeito social, sobredeterminado por suas condições, encontra-se também atravessado pela linguagem e pela história, momento em que é posto enquanto sujeito discursivo; deste lugar o sujeito entende o que pode falar e até onde pode e deve falar, sendo este lugar também predeterminado pelo lugar social. Nesta relação dialética entre lugares sociais e discursivos, o sujeito se inscreve, como diz Grigoletto (2005):

Os lugares discursivos são construídos pelo sujeito na sua relação com a língua e a história. Mas essa discursivização só acontece porque há uma determinação da formação social que institui determinados lugares, os quais podem e devem ser ocupados por sujeitos autorizados para tal. Por isso, este duplo efeito de determinação. O lugar social é efeito da prática discursiva, mas, ao mesmo tempo, o lugar discursivo também é efeito da prática social (GRIGOLETTO, 2005, p. 7).

Compreendemos, assim, que lugar social e lugar discursivo se constituem mutuamente, inclusive um precisando do outro para se constituir, ambos clivando o sujeito a sobredeterminando seus dizeres. Nesse íterim, o sujeito sofre também com as projeções que determinam onde ou como ele deve se encontrar discursivamente: esta é a posição-sujeito. A posição-sujeito diz respeito aos posicionamentos dentro de um lugar discursivo com os quais certo sujeito é levado a se identificar em virtude de sua formação decorrente de seu lugar social. É importante falar aqui que as tomadas de posição do sujeito na AD são predominantemente influenciadas pelo fator ideológico.

A ideologia será então percebida como o processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular que apareceria, no entanto, como a interpretação necessária, e que atribui sentidos fixos às palavras em um contexto histórico dado (...) estando os sujeitos condenados a significar, a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, no entanto, aparecem como universais e eternas, daí resultando a impressão do sentido único e verdadeiro (ORLANDI, 2005, p. 65)

Ainda voltaremos a essa discussão sobre a ideologia mais à frente, quando formos tratar das formações ideológicas intrínsecas aos discursos e formações discursivas, mas o importante aqui é perceber como não há formação de posições-sujeito sem que estas sejam entrecruzadas ideologicamente uma vez que a ideologia molda, discursivamente o modo de

ver de um sujeito. Mais ainda do que isso, vemos como esse sujeito inscreve e representa o mundo em seu discurso a partir das ideologias que moldam sua percepção da realidade, inscrevendo-se no discurso e inscrevendo o Outro no discurso de acordo com os elementos que formulam seu agir discursivamente.

Em um exemplo mais prático, podemos citar os próprios editores do *Lampião*. Seu lugar social é o de militantes do Movimento de Liberação Homossexual; enquanto tais, falam de um local de luta e inscrevem-se em um discurso libertário em busca de direitos, além de serem editores de uma publicação voltada para estes fins, o que compõe o seu lugar discursivo – por si só já clivado por várias vertentes e ideologias. Desse lugar, tomam certos posicionamentos, mais intelectuais, combativos, educativos ou radicais, a depender da temática tratada ou do teor dos debates. Essas tomadas de posição é o que entendemos aqui como posição-sujeito. Uma de nossas proposições é entender em que nível o lugar social, o lugar discursivo e as posições-sujeito interagem e se compõem mutuamente nas publicações do *Lampião*, a fim de compreender também a clivagem à qual esses sujeitos são submetidos para (re)produzir determinados discursos. E mais do que isso, como esse intrincado sistema de influências e constituições opera na produção de sentidos de um discurso.

2.3 Pela esquina: a manifestação da ideologia através da veiculação de Formações Ideológicas e Discursivas

A AD nos mostra que o sujeito, em suas clivagens, tem sua interação com o mundo mediada pelo discurso. A partir desta compreensão, podemos entender que os discursos, enquanto manifestações linguísticas, significam. Tal processo de significação é possível pois o sujeito é atravessado por um sem-número de outros discursos anteriores, assim como pelas condições do momento em que está em circulação. Esse enredo que permite ao discurso produzir um determinado sentido permeia um determinado *modo de dizer*. Observando certa regularidade entre os enunciados, podemos enquadrar relativamente estes modos e agrupá-los em conjuntos que produzem sentidos alinhados, próximos. Este *modo de dizer* é o que, em AD, será nomeado como Formação Discursiva (FD): “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada, em

uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2005, p. 43).

Sendo assim, para produzir determinado sentido (e não outro), o discurso é localizado – inscreve-se – em uma determinada Formação Discursiva. Essa formação discursiva, por sua vez, veicula uma Formação Ideológica, que é manifestação de uma ideologia. Ainda de acordo com Orlandi (2005),

As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos (ORLANDI, 2005, p. 43)

Sendo a FD um *modo de dizer*, a Formação Ideológica (FI) seria um *modo de pensar*, uma linha de pensamento determinada pelas ideologias às quais o sujeito é submetido em seu processo constitutivo, que é materializada no discurso. É a FI que dará suporte ao modo como se dá a produção do discurso. Como podemos ver, não há, para os estudos em AD, sentido desvinculado de ideologia. Faz-se aqui necessária uma breve explanação sobre o que a AD entende por ideologia. Aqui a ideologia é entendida não em seu sentido amplo de conjunto de ideias e valores, mas é um conceito discursivo que influi nas escolhas dos sujeitos e que se manifesta por entre os discursos.

Considerando que a AD volta o olhar para o discurso enquanto mediador entre o ser humano e sua realidade, entendemos que esta mediação é clivada por um processo social estruturante que permite e manipula certos funcionamentos em determinadas FDs e FIs. Tal processo, chamado de ideologia, é o que atravessa o sujeito em sua produção de sentidos. Como nos diz Orlandi (2005):

Não a tratamos [a ideologia] como visão de mundo, nem como ocultamento da realidade, mas como mecanismo estruturante do processo de significação. [...] a ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa. (ORLANDI, 2005, p. 96)

Entendidos os conceitos de FD e FI, e como a ideologia é estruturante destas, vemos como as FDs e FIs estão intrinsecamente ligadas; enquanto as

FIs circunscrevem o que pode e deve ser pensado em um determinado conjunto de crenças e valores, as FDs materializam esses modos de pensar circunscrevendo o que pode e deve ser dito dentro de determinada FI. Dito de outro modo, podem existir variadas FDs vinculadas e coadunantes a uma mesma FI:

as formações ideológicas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulados sob a forma de uma arenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura, isto é, numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. Diremos, então, que toda formação discursiva deriva de condições de produção específicas, identificáveis a partir do que acabamos de designar. (GADET; HAK, 1993, p. 166-167).

Sendo a formação discursiva derivada de uma especificidade que envolve posições, conjunturas e condições, podemos dizer também que uma FD é composta de maneira heterogênea, por conter diversos caracteres vindos de conjunturas diversas e, inclusive, vozes diversas. De acordo com Soares (2006):

Como exemplo desta forma de heterogeneidade podemos citar a ironia, a alusão, a imitação, a reminiscência que faz jogo com o outro discurso no espaço do implícito, do semidesvelado, do apenas sugerido. Quando isto ocorre, desaparece a fronteira linguística evidente entre a fala de um locutor e de outro. As vozes se entrelaçam em uma mesma construção discursiva. (SOARES, 2006, p. 113).

O que nos interessa, assim, é ver como o uso desses jogos linguísticos, como ironização e alusão, e a decorrente heterogeneidade do discurso podem ser capazes de modificar sentidos do pré-construído a partir de um uso diferenciado ou que traga ao discurso vozes e efeitos diversos para promover essa resignificação. Aqui neste intento, uma outra noção da AD pode nos auxiliar na análise de nosso corpus: a noção de acontecimento discursivo.

2.4 Para a Esquina: o Acontecimento Discursivo

Em sua obra *Discurso: estrutura ou acontecimento* (1990), uma das obras mais destacadas nos estudos em AD, Pêcheux toma o enunciado “On a gagné” (nós ganhamos) e analisa como esta frase, utilizada majoritariamente no discurso esportivo francês, passou a se tornar um símbolo político a partir do deslocamento de sentidos produzidos pelos sujeitos e pelo contexto de

produção e veiculação em que esse enunciado ganhou corpo no campo político. Explanando sobre isso, o autor fala como a frase já possuía uma carga semântica e discursiva e como, a partir de um evento – acontecimento – esses sentidos foram mudados, compondo uma nova memória discursiva a respeito de tal enunciado.

Para Pêcheux (1990), o acontecimento passou a ser não apenas do mundo, mas um acontecimento discursivo. Em sua teoria o autor defende que determinados usos ou eventos acabam por romper e perturbar a memória discursiva de tal forma que elaboram novas significações para o discurso, sendo o acontecimento discursivo uma consequência de um evento histórico que é discursivizado no limiar entre a memória e a atualidade. Esse acontecimento discursivo é em partes provocado pelo contexto de produção e em partes pela circulação dos novos sentidos.

Quanto ao contexto de produção, podemos dizer que é um fator primordial para a produção de sentidos de um discurso e sua análise. O contexto de produção, em AD, busca localizar o discurso no tempo e contextualizar os sentidos ali provocados, uma vez que essas condições são “o conjunto da descrição das propriedades relativas ao destinador, ao destinatário e ao referente, sob condição de dar imediatamente certo número de precisões” (PÊCHEUX, 2014b, p. 214). As condições de produção são essenciais para entendermos o que é dito, por quem, para quem, com que objetivos e em que situações. Estas serão nosso direcionamento ao tentar entender sujeito e contextos que permitiram aquele discurso produzir aqueles sentidos. Considerando que tratamos aqui de discursos (re)produzidos e (re)formulados no período ditatorial brasileiro, de grande repressão aos movimentos que lutavam por direitos das minorias, é de extrema valia à nossa análise entender como foi possível que esses discursos fossem produzidos e tivessem tamanho impacto.

O plano de circulação também nos interessa muito aqui, uma vez que foi por meio da circulação que os dizeres do *Lampião* ganharam força e puderam, ao longo do tempo, transformar ofensas em símbolos de resistência. Para a AD, a questão da circulação é a conexão entre a constituição e a formulação dos discursos, estando ligada tanto ao interdiscurso, no sentido de veicular

ideias cristalizadas, quanto ao intradiscurso, quando propaga os dizeres do agora. Observar isso em nosso *corpus* é de fundamental importância para que entendamos como aconteceu a (re)formulação e deslizamento de sentidos nos termos selecionados e onde encontramos o ponto de inflexão que torna esse deslizamento um acontecimento discursivo.

A partir dos conceitos explanados nesta seção, buscaremos analisar o processo de constituição dos dizeres do *Lampião* como um acontecimento discursivo que desestabilizou a memória discursiva e o pré-construído, mobilizando e deslocando formações discursivas para alterar formações ideológicas. Pretendemos também, a partir destas elucidaciones, entender um pouco mais sobre a trajetória de filiação dos sujeitos produtores do *Lampião*, sua constituição enquanto sujeitos do discurso, suas posições-sujeito e como seus lugares sociais e discursivos influenciaram nesses posicionamentos, e como podemos perceber a inscrição desses sujeitos em determinadas formações discursivas a partir dos excertos das publicações do *Lampião*. Para além disso, buscamos trazer também uma reflexão acerca dos apagamentos históricos promovidos pela ditadura e os efeitos disso; e também sobre a luta que, apesar das barreiras, dos entraves e do escuro, trouxe luz com o *Lampião*.

3 UMA LUZ SOBRE O CAMINHO: LAMPIÕES

“Para uma comunidade relegada à invisibilidade durante tanto tempo é crucial levantar o véu do passado que nos forjou e desvendar a cultura própria que criamos, como num processo de arqueologia LGBT.”
- João Silvério Trevisan

No capítulo a seguir, abordaremos a metodologia utilizada no estudo para seleção, recorte e análise do corpus a ser trabalhado. Como dito anteriormente, nosso propósito com o presente trabalho é lançar um olhar sobre o uso de determinados termos pelo jornal *Lampião da Esquina*, sob a luz dos conceitos da AD apresentados no capítulo anterior, para observar como a redação do jornal vai deslocando sentidos a fim de transformar o que eram palavras consideradas ofensivas à comunidade homossexual em identidade

desse grupo social. Nossa metodologia, balizada pela AD, como ressalta Gallo (1989),

se justifica por ser um método que parte do texto, refaz a trajetória do sujeito que produziu o texto, através das pistas que o texto oferece, passando necessariamente pelas condições de produção do texto (o discurso), para retornar finalmente ao texto e compreendê-lo (GALLO, 1989, p. 23)

Para isso, iremos aqui apresentar o que foi o jornal em si, falar um pouco sobre seu conteúdo, os sujeitos que participam de sua redação e o contexto histórico em volta de sua produção e veiculação – uma vez que trabalhamos com a noção de arquivo e de memória discursiva, é importante ter este cuidado com o entorno – além de falar também sobre os recortes feitos, a partir dos quais procederemos a análise.

Este caminho metodológico nos servirá tanto para conhecer mais a fundo o material que pretendemos analisar, uma espécie de mergulho no tempo e espaço que o texto nos fornece para entender melhor seus sentidos, quanto para sistematizar o procedimento analítico em que precisaremos incorrer. Como nos explica Orlandi (2005),

a interpretação é necessariamente regulada em suas necessidades, em suas condições. [...] O gesto de interpretação se faz entre a memória institucional (arquivo) e os gestos de memória (interdiscurso), podendo assim tanto estabilizar como deslocar sentidos. Ser determinada não significa ser (necessariamente) imóvel. (ORLANDI, 2005, 47-48)

Assim, é importante realizar este gesto interpretativo, articulando arquivo, interdiscurso e memória discursiva, tomando ao máximo possível o(s) contexto(s) de produção do Lampião. A partir da totalidade das edições do jornal, buscaremos um recorte que nos permita observar mais atentamente o que procuramos: os deslizamentos de sentido no uso das palavras e expressões destacados para analisar a possibilidade da constituição de um vocabulário de resistência. Ainda, pretendemos entender se esse deslocamento de sentidos encerra, em si, um acontecimento discursivo. Para que isso seja observado com mais rigor, detalhamos aqui o procedimento metodológico. Começemos por conhecer nosso arquivo.

3.1 Do Lampião: olhando nosso objeto

Mundialmente, a partir do final da década de 1950, diversos países começaram a florescer em movimentos progressistas que buscavam, cada vez mais, a retirada de grupos considerados marginais do local de submissão. Estes Movimentos, muito ligados às artes, deram início a grandes marcadores de uma nova era social, como o festival Woodstock na música – que trouxe a cultura hippie para o *mainstream* – e a geração *beatnik* na literatura – que tinha como principal mote a crítica ao modelo social tradicionalista americano, o conhecido *american way of life*. Essa ascensão de uma onda progressista também foi marcada por uma série de conflitos e embates, uma vez que ia contra uma estrutura de privilégios muito bem estabilizada na sociedade.

Um dos embates que foi muito importante, ressaltando aqui a luta LGBTQIA+ (conhecida à época como luta homossexual), cujo enfoque nos interessa, foi a rebelião de Stonewall. Este movimento, que teve início com o ataque policial ao bar Stonewall Inn, em Nova York, no ano de 1969, iniciou uma série de protestos e manifestações que pediam pela liberação homossexual e por mais direitos a essa comunidade que era vítima constante de violência, especialmente por parte do Estado. De acordo com Arcanjo (2018),

A rebelião de Stonewall – notório contradiscurso desenvolvido por homossexuais e simpatizantes, que, impulsionados pelas repressões das 36 autoridades americanas, cujo estopim foi o ataque policial ao bar Stonewall Inn, localizado em Nova York, no dia 28 de junho de 1969, realizaram uma série de manifestações contestando um sistema que buscava a repressão e o apagamento das diferenças. É considerado um momento-chave para o fortalecimento de uma militância (ARCANJO, 2018, p. 36-37)

Ganhando visibilidade mundial, as manifestações tomaram grandes proporções e motivaram também uma efervescência de lutas pelos direitos homossexuais, em especial nos Estados Unidos, França e alguns países da Europa ocidental.

Na contramão de toda essa efervescência progressista, aqui no Brasil entrávamos em um regime ditatorial. A ditadura militar brasileira, que teve início em 1964 com um golpe de estado que derrubou o governo João Goulart e colocou os militares no comando, em seus princípios era contrária ao desenvolvimento progressista do Brasil e teve, por sua vez, um caráter ultranacionalista que elevou valores como “moral e bons costumes” ao patamar

de lei. Não entraremos aqui na subjetividade e controvérsia de tais valores quando comparados às práticas do regime, apenas nos bastando perceber que este governo trouxe sobre o Brasil uma arbitrariedade sobre o povo de modo a controlar práticas culturais, sociais e todo o modo de pensar. Como é característico de modelos governamentais ditatoriais, o militarismo no Brasil teve como grande ferramenta a univocidade de informação e uma lógica monofônica. Como nos aponta Eni Orlandi (2005), essa lógica opera por meio do silenciamento local:

O silêncio local, que é a censura, aquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura (é o que faz com que o sujeito não diga o que poderia dizer: numa ditadura não se diz a palavra ditadura não porque não se saiba mas porque não se pode dizê-lo. (ORLANDI, 2005, p. 83)

Dessa forma, o silenciamento, ou política do silêncio, como ressalta a autora, da ditadura militar brasileira, apoiado em Atos Institucionais que aparelharam o Estado para reforçar a censura, tolheu muito dos movimentos sociais que poderiam ser desenvolvidos no Brasil assim como estava ocorrendo em grande parte do mundo. Por meio do silêncio imposto aos veículos midiáticos de maior destaque e alcance, as manifestações em prol da conquista de direitos de grupos minoritários foram apagadas ou boicotadas por essa monofonia da imprensa brasileira em alinhamento com os ideais governamentais dos militares.

Em contraste a isso, a imprensa alternativa ganhou grandes aliados com publicações que buscavam romper com esse discurso único propagado pela ditadura. Conforme ressalta Edward MacRae (2018),

Para escapar dos rigores da censura e da autocensura, vigentes especialmente na grande imprensa, alguns jornalistas resolveram fundar pequenos jornais, de tiragem irregular, usando técnicas quase artesanais de impressão. Nascia, assim, a “imprensa alternativa” ou “imprensa nanica”. (MACRAE, 2018, p. 141)

Uma destas publicações da imprensa alternativa, que ganhou destaque e que apresentamos como nosso objeto de estudo, foi o *Lampião da Esquina*.

Conhecido periódico de temática homossexual, o *Lampião da Esquina* foi um jornal, no formato tabloide, produzido no final da década de 70 e início da década de 80 no Brasil, mais precisamente entre 1978 e 1981. O jornal, produzido em São Paulo e no Rio de Janeiro, alcançou grande repercussão

nacional, sendo distribuído e veiculado em estados do Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste, como é possível ver na carta do leitor sob o pseudônimo “Infante”, de Recife, Pernambuco: “Peguei um panfleto anunciando o jornal de vocês numa livraria daqui, decorei o endereço e joguei o panfleto no lixo, para que ninguém o descobrisse comigo.”(LAMPPIÃO, n. Zero, 1978, p. 14). Neste trecho, podemos ver, além do alcance do jornal, a discrição com que tinha que ser acessado esse tipo de conteúdo em algumas regiões. Enquanto alguns leitores, principalmente do eixo Rio-São Paulo, relatam adquirir as edições em bancas de jornal de maneira mais natural, temos também os relatos de pessoas que precisam de máximo cuidado ao adquirir o periódico. Na capa da edição número zero, logo abaixo do título, é possível ler “circulação restrita”, também indicando o que vimos no relato acima. Isso nos evidencia o modo como a sociedade brasileira via a temática homossexual e os preconceitos que esse grupo enfrentava na época.

Os anos finais da ditadura militar brasileira, período em que o Lampião foi produzido, apesar de não lidar com o peso maior da censura promovida pelo Ato Institucional nº 5 – um dos atos mais duros da ditadura – teve grande impacto pela herança deixada por ele. Como relata a historiadora Beatriz Kushnir, em entrevista à revista Fórum,

na noite de 13 de dezembro de 1968, a maior parte das grandes redações passou a receber pessoas do Exército para fazer censura. Os veículos também receberam uma lista do que estava proibido e permitido liberar. Era um número muito reduzido de censores. Então, como esse número reduzido fazia censura à imprensa, ao teatro, à música, ao cinema? É porque se trabalhou com a ideia de autocensura (VASQUEZ, 2018, s/p.)

Essa ideia de autocensura foi crucial para o trabalho da censura militar no Brasil. Por meio de incentivos aos donos de publicações da grande imprensa, os militares conseguiam manter a censura no interior das redações. Em lógica semelhante, instalou-se no pensamento comum uma série de ideias e ideais propagados pelo regime militar que perduraram (e perduram) no senso comum. Foi contra esse pensamento conservador instaurado pelo militarismo que permeava a sociedade que o Lampião tentava lutar.

Em sua edição de número zero (edição experimental do jornal), o Lampião traz como abertura o texto denominado “Saindo do Gueto”. O título do

texto já demonstra as intenções do corpo editorial: levar a discussão acerca das pautas homossexuais para o público, evidenciando a necessidade de visibilidade que esse grupo tinha (e, até hoje, tem). Em seu texto de abertura, podemos ver a intenção e vontade de quebrar com a narrativa imposta sobre o homossexual:

Nossa resposta, no entanto, é esta: **é preciso dizer não ao gueto** e, em consequência, sair dele. **O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual**, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter. (LAMPPIÃO, n. Zero, 1978, p. 2, grifos nossos)

Nesse sentido, o Lampião se utiliza de uma série de estratégias para cumprir seu objetivo, desde abordar temas considerados polêmicos, como notícias de prisões e mortes de membros da comunidade homossexual, até divulgação de filmes, espetáculos e obras que tragam a temática para a luz. Dividido em sessões, algumas com nomes irônicos e inteligentes, o jornal tinha como destaque os textos das sessões “Opinião” (em que trazia editoriais e artigos de opinião escritos por seus redatores e outras personalidades da comunidade homossexual), “Bichórdia” (coluna em que comentava sobre personalidades do mundo gay), “Esquina” (com notícias e reportagens sobre o contexto homossexual no Brasil e no mundo), “Tendências” (que fazia divulgação e crítica de produções artísticas que trabalhavam a temática homossexual) e “Cartas na mesa” (sessão de cartas dos leitores em que o corpo editorial se propunha a promover um diálogo com seus leitores). Ainda contava com uma sessão “Reportagem” para notícias e entrevistas, e “Literatura” para publicação e divulgação de contos, crônicas e poesia de temática homossexual feita por pessoas do meio.

Um ponto curioso sobre o jornal é a iconografia de que se utilizava. Nas capas, ao lado do título, fica uma pequena gravura composta por um chapéu típico do cangaço nordestino acima de dois círculos e um traço vertical no meio. A imagem, além de fazer referência à imagem de Virgulino Ferreira da Silva, cangaceiro nordestino conhecido por Lampião e considerado o Rei do Cangaço, também é uma brincadeira com um desenho que lembra um falo, como é possível ver na Figura 1:

Figura 1. Desenho símbolo do jornal Lampião da Esquina



Fonte: Lampião da Esquina, número zero, 1978.

Este desenho, colocado ao lado do título do jornal e demonstrando essa dupla conotação, nos apresenta semioticamente um pouco do modo de escrita do jornal: utilizando ironia e humor em doses inteligentes e quase sutis, o Lampião da Esquina constrói sua escrita trazendo de modo leve – porém comprometido – uma temática que era relegada às sombras ou ao escracho. Fazendo uso do escracho a seu favor, o jornal promoveu ainda uma intensa discussão linguística acerca das palavras que pejorativamente eram utilizadas para ofender homossexuais à época.

Resgatou-se a linguagem do gueto, com um uso constante de termos até então considerados palavrões, como “bicha”, por exemplo. Muitas matérias foram dedicadas às possibilidades de prazer escondidas nas ruas, nas praias e outros locais do Rio e do Brasil, discutindo-se assuntos como “caçação”, prostituição, etc. Geralmente, esses temas eram tratados de forma jocosa e bem humorada. (MACRAE, 2018, p. 148-149)

Essa brincadeira linguística que trouxe à tona a linguagem do gueto, como diz MacRae (2018), nos interessa neste trabalho. Grande parte do uso dessa linguagem foi promovido em decorrência da intelectualidade do corpo editorial do jornal, o qual tinha também por objetivo a propagação e revolução desses elementos discursivos. Conheceremos a seguir os colaboradores do Lampião e discutiremos brevemente sobre sua relação enquanto sujeitos sociais e discursivos.

3.2 No Lampião: o trabalho por dentro do objeto

Ainda em sua edição zero, *Lampião da Esquina* dedica meia página a destacar um pouco de seu grupo editorial. Composto primariamente por onze pessoas, o chamado Conselho Editorial é apresentado no texto intitulado “Senhores do Conselho”, logo na página dois. O título do texto, em si, já brinca um pouco com a seriedade do que se espera de um conselho editorial em contraste à ironia e humor com que o jornal trata alguns assuntos. Como nos aponta Trevisan (2018):

Lampião vinha, bem ou mal, significar uma ruptura: onze homens maduros, alguns muito conhecidos e respeitados intelectualmente, metiam-se num projeto em que **os temas tratados eram aqueles considerados “secundários” – tais como sexualidade, discriminação racial, artes, ecologia e machismo** (TREVISAN, 2018, p. 317, grifos nossos)

O texto de apresentação e a citação acima também já revelam um pouco do ato de irreverência de seus contribuidores: falando que até mesmo a imprensa alternativa considerava a temática homossexual como não prioritária, traz a força desse tipo de publicação em contrariar o tradicionalismo até mesmo daqueles que tentavam desmontar a hegemonia dos meios “maiores” de comunicação.

Os membros do Conselho editorial são: Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadó, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry. A primeira coisa que chama a atenção é o conselho ser formado apenas por homens gays; o fato é trazido no artigo publicado na página 5 da edição:

A ausência de mulheres em *Lampião* não é, fique bem explicado, por culpa do seu conselho editorial: convites não faltaram, todos recusados, mas nossas colunas continuam à disposição. Uma das questões que o jornal pretende levantar é a do feminismo e, pelo menos quanto a este tema específico, as mulheres homossexuais não podem se furtar; no caso das mulheres, a discriminação é bem mais complexa e independente de suas preferências sexuais. (LAMPPIÃO, n. Zero, 1978, P. 5)

Este traço não passou despercebido também aos leitores do periódico, que na edição de número 1 já apontam, na sessão “Cartas na Mesa”, a falta de mulheres na produção (comentário que é respondido falando que, na edição 1 já existem artigos escritos por mulheres). Na edição de número 2, inclusive, há uma carta de leitora que comenta de maneira bem-humorada sobre este fato:

mas tenho uma ressalva a fazer: as mulheres estão praticamente alijadas do LAMPIÃO. Esta é a grande falha dos jornais gueis. Ora, bolotas, vou acabar encabeçando um movimento e fundando o jornal “Maria Bonita” (será que até entre nós, já tão vilipendiadas, existe a tal discriminação?), cujo slogan será: “Menino não entra”. Fica lançado o desafio. Ou nós entramos na jogada, ou “Maria Bonita” entrará em cena para apagar o fogo de LAMPIÃO. (LAMPIÃO, n. 2, 1978, p. 14)

A carta da leitora carioca, que se identifica como Rose S., mostra duas coisas: a vontade de mulheres do meio homossexual de também estarem presentes na produção de jornais deste caráter; e o entendimento da produção de sentido que é atingida com o jogo entre a imagem do jornal, mostrada no tópico anterior, e sua correlação com a história de Lampião e Maria Bonita. Mas voltemos a mais informações sobre o corpo editorial.

Formado majoritariamente por jornalistas-escritores, o grupo conta ainda com cineastas, críticos de arte e cinema e tradutores. O texto, que apresenta uma breve síntese da atuação de cada um dos onze, dá destaque a Darcy Penteadado, apontado como “o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra a discriminação e o preconceito em relação aos homossexuais” (p. 2) e a Peter Fry, destacando sua carreira acadêmica como antropólogo e estudioso de sexualidades. O caráter de descrição dos componentes do grupo ressalta a intelectualidade do conselho editorial, como que para dizer ao público que o jornal teria qualidade de conteúdo em suas páginas. Este preciosismo pela intelectualidade renderia ao jornal algumas críticas, e, nas palavras de MacRae (2018), “o Lampião continuaria a fomentar o estereótipo de que os homossexuais seriam mais sensíveis, artísticos e inteligentes”.

Um fator que nos interessa destacar é a sexualidade dos produtores de Lampião: são todos homossexuais. Aqui nos deparamos com uma interseccionalidade entre conceitos que trouxemos em nossa sessão teórica; como vimos com Grigoletto (2005), lugar social e lugar discursivo interagem, determinando-se um ao outro sem que haja um fator de prevalência. Assim, é possível dizer que o corpo editorial do Lampião tem por mote de discurso o seu lugar social enquanto sujeitos homossexuais que participam de uma estrutura social; esta, põe tais sujeitos em um lugar determinado a eles enquanto sujeitos homossexuais, delimitando seu campo de atuação, ocupação e

discurso. Dessa forma, compreendemos que os editores de *Lampião* são limitados socialmente pelo lugar social a que são atribuídos devido à sua sexualidade, e isso motiva seus discursos enquanto homossexuais; da mesma forma, o discurso (re)produzido por eles é também determinante de seu lugar na sociedade e delimita sua realidade de atuação enquanto homossexuais.

Ao lado disso, temos a posição-sujeito que os editores assumem. Enquanto jornalistas, escritores, cineastas, críticos, tradutores e antropólogos, apresentados por si mesmos nestas categorias, colocam-se na posição de intelectuais. Esta posição, atravessada pelo fato de assumirem também o discurso da defesa dos direitos homossexuais, determina as construções linguísticas e as formas com que buscam comunicar, entreter, divulgar e expressar-se dentro das páginas do jornal.

A quebra aqui encontra-se justamente no local e forma de veiculação das ideias a que se propõem. O lugar do jornal e a forma intelectual, até então, eram vistas como mecanismos de propagação de ideias ditas “prioritárias”. Em contraponto, os editores buscam levar ideias ditas “secundárias” em seus textos e construções discursivas. Pode-se entender que, assumindo a posição-sujeito de redatores do *Lampião*, os sujeitos participantes buscam romper com as delimitações impostas por seus lugares sociais e discursivos, promovendo uma ruptura nas bases que sustentam esses lugares e seus discursos. De acordo com Souto Maior Jr. (2016),

As páginas do *Lampião* trazem uma ferrenha luta para inverter o sentido negativo que se tinha quando se pensava em homossexualidades. Seus editores lutavam, em outra frente, não apenas contra o silêncio que se lhes era imposto, salvo nas páginas literárias de alguns autores que ousaram abordar o tema, mas, também, para fazer frente aos discursos da medicina, que lhes estigmatizavam como portadores de uma doença. (SOUTO MAIOR JR., 2016, p. 257)

Com o tom do jornal, também podemos compreender que os redatores procuram promover uma descaracterização do próprio caráter formal do jornal enquanto espaço de seriedade ou “neutralidade”, como pensa o senso comum. Rompendo com a noção do gênero como um espaço próprio de uma pretensa não-tomada de partidos, a equipe editorial promoveu uma nova visão sobre a imprensa, mesmo sobre aquela já considerada “alternativa”. Ainda citando Souto Maior Jr. (2016),

o *Lampião* passava a ter uma função particular em relação a alguns periódicos: funcionar como acontecimentos históricos úteis e necessários na fabricação de novos mundos e na modelagem de subjetividades inéditas para os sujeitos que os leem. (SOUTO MAIOR JR., 2016, p. 258)

Desse modo, nosso objeto de pesquisa e os sujeitos que o produziram foram importantes na promoção de uma quebra de paradigmas relativos ao gênero jornalístico, às construções sociais relativas ao ser homossexual e, por fim, ao próprio lugar a que era permitido o homossexual estar. Trata-se, além disso, de um trabalho de ocupação de espaços, buscando dar voz e visibilidade ao discurso *sobre* o homossexual produzido *pele* homossexual. Podemos dizer, inclusive, que esse trabalho, que recuperou um léxico do gueto, só foi possível devido aos lugares social e discursivo dos sujeitos (re)produtores do discurso.

Os objetivos revolucionários da publicação logo entraram em contraste com os métodos de controle da ditadura. Mesmo em seus anos finais, a censura ainda agia de maneira persistente, e isso afetou a equipe editorial, como se poderia esperar. Em *Devassos no Paraíso* (2018), obra de historiografia da homossexualidade brasileira (que em diversos pontos confunde-se com testemunhos do autor), João Silvério Trevisan – um dos componentes do conselho editorial do *Lampião* – relata como se deu essa censura ao grupo:

Já desde agosto de 1978, vínhamos sofrendo, sob acusação de atentado à moral e aos bons costumes, um inquérito policial que estava sendo levado a efeito tanto no Rio quanto em São Paulo, solicitado pelo Ministério da Justiça. A carta da Polícia Federal solicitando o inquérito referia-se a nós, editores, como “pessoas que sofriam de graves problemas comportamentais”, de modo que constituíamos casos situados – segundo os promotores – na fronteira da medicina patológica. A carta pedia que fôssemos processados judicialmente e enquadrados na chamada Lei de Imprensa, segundo a qual poderíamos receber até um ano de prisão. [...] Essa nuvem escura pairou sobre o *Lampião* até meados de 1979, quando o inquérito policial foi arquivado por não terem sido encontrados elementos suficientes para a instauração de um processo judicial. (TREVISAN, 2018, p. 323-324)

Mesmo com as perseguições e boicotes ao jornal, o *Lampião da Esquina* prosseguiu seu trabalho até junho de 1981, contando com 37 edições, além da de número zero e mais três edições extra. O jornal foi um dos periódicos de maior sucesso da imprensa alternativa brasileira, e certamente um dos mais conhecidos por dar voz a um grupo tão violentado pela sociedade,

denunciando e ironizando o tratamento dado aos homossexuais, agora “saindo do gueto”.

3.3 Pelo Lampião: o que encontramos no meio

O aporte teórico sobre o qual nos debruçamos neste trabalho, a AD, precisa de um tratamento especial no que compete à composição do corpus, uma vez que não trabalha com a integralidade dos textos (até porque, dado o número de edições e extensão delas, seria um trabalho demasiado exaustivo). A fim de cumprir nossos objetivos com este trabalho, e para melhor evidenciar o que buscamos observar e analisar, nosso objeto de pesquisa precisa de recortes mais precisos no que compete à formação de nosso *corpus*. Como nos aponta Orlandi (apud APINAGÉ, 2020, p. 75), “*recorte* é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento de situação discursiva”. Trabalhando sobre os recortes, podemos ainda proceder de forma mais adequada uma comparação entre textos, relacionando-os e pondo em evidência os processos de significação com os quais iremos trabalhar. Assim, para colocar uma lupa sobre o que procuramos no Lampião, procedemos em primeiro a seleção de algumas edições do jornal sobre as quais lançaremos um olhar mais atento.

Como forma de incluir o contexto de criação e poder observar como se dá a utilização de unidades lexicais consideradas pejorativas à comunidade homossexual pelo jornal, assim como o efeito que este uso teve sobre a sociedade, selecionamos para nossa pesquisa as três primeiras edições (números zero, um e dois) e três números mais avançados (vinte e sete, vinte e oito, vinte e nove). As três primeiras edições dizem respeito ao período entre abril e julho de 1978, e as três últimas ao período entre agosto e outubro de 1980; desta forma conseguimos também avaliar um período semelhante entre elas. A escolha das três primeiras edições se justifica por serem as edições em que o jornal apresenta seus intentos e estabiliza seu discurso e público; as três últimas, por nos mostrarem como se deu a recepção do jornal após o período em que se estabeleceu em circulação de mercado e para que observemos as mudanças nas compreensões acerca do jornal.

Ainda para cumprir nossos objetivos, selecionamos, do jornal, duas seções específicas para olhar mais atentamente: a primeira, “Opinião”, que funciona como um Editorial de Lampião, nos permitirá ver como os redatores e editores do Lampião fazem uso das palavras buscadas por nós; a segunda, “Cartas na mesa” (de cartas dos leitores), nos dará evidências a respeito do modo como o público – mais próximo do senso comum da sociedade em geral – usa e enxerga os sentidos de tais palavras, assim como poderemos também comparar os sentidos evocados por elas quando do lançamento do jornal e em seus últimos números. Como consta no início da sessão de cartas do número zero, “A idéia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal.” (LAMPIÃO, nº zero, 1978, p. 14). Desse modo, teremos uma boa comparação entre os efeitos de sentido que estas palavras provocam antes e depois do trabalho feito em Lampião sobre a linguagem.

Sobre esse recorte, com leitura atenta dos números e sessões selecionadas, além do auxílio de ferramentas de busca virtual nos arquivos do Lampião, escolhemos alguns trechos que nos ajudarão a perceber onde se encontram as relações de sentido entre o que se entende por comunidade homossexual (pelos editores e pelos leitores) e algumas expressões que eram consideradas pejorativas ao grupo. Estes trechos, aqui denominados de Sequências Discursivas (SD) são o que comporá nosso *corpus* em si.

As unidades lexicais que selecionamos para buscar, e ao entorno das quais recortaremos nossas SDs, são aquelas que denominam ou caracterizam a comunidade homossexual nos textos. Nesse sentido, procuramos por substantivos e formações adjetivais que demonstrem como a imagem dos componentes da comunidade é trabalhada, pelo jornal e fora dele. Selecionamos especialmente palavras e expressões que, dentro das SDs apresentadas, mantenham algum caráter de qualificação ou julgamento dos sujeitos aos quais se referem, para que, além dos efeitos de sentido evocados, possamos também entender um pouco da lógica manifestada por essas significações.

Todas as SDs apresentadas estão de algum modo ligadas aos conceitos de sexualidade, gênero, cultura e hábitos da comunidade homossexual (atualmente denominada LGBTQIAP+) intrínsecos ao sentido da palavra no contexto da situação discursiva em que se encontra a SD. Nesse passeio pelo Lampião, procuramos, com este trabalho metodológico, estabelecer uma relação entre o discurso do homossexual, o discurso sobre (a respeito d) o homossexual e para (direcionado a) o homossexual.

3.4 Para o Lampião: de cara no foco

Feitos os mencionados recortes e composto nosso *corpus* de pesquisa, promovemos a análise destes de acordo com as bases teóricas sobre as quais firmamos nosso estudo. Utilizando-se da teoria que nos fornece a AD, as SDs são analisadas evidenciando em que FDs e FIs se inscrevem, o que podemos tomar como pré-construído e como os efeitos de sentido mobilizados pelo jornal podem representar uma ruptura com este pré-construído. O procedimento de análise, assim, segue os moldes da AD para o tratamento do arquivo enquanto materialidade discursiva.

Para fins didáticos de melhor observância, e também para fornecer um panorama mais amplo das menções às unidades lexicais que analisamos neste trabalho, produzimos um Quadro em que é possível ver as palavras buscadas, a quantidade de vezes que aparecem dentro das edições selecionadas (contando variações dos termos que mantenham fidelidade ao sentido empregado), e em que edições são encontradas. Com a produção deste quadro, podemos também ver a relevância ou estabilidade do uso de cada palavra dentro do discurso do jornal e dos leitores, assim como as palavras que são mais frequentes, para, depois, analisar se os sentidos mobilizados por esses usos são compatíveis entre editores e leitores; com esta análise posterior, também podemos visualizar a dimensão da gama de sentidos que cada expressão pode mobilizar, se há algum choque entre os conceitos e efeitos de sentido e, afinal, se esses efeitos de sentido sofrem mudança. Para Orlandi (2007), “todo gesto de interpretação é caracterizado pela inscrição do sujeito (e de seu dizer) em uma posição ideológica, configurando uma região particular no interdiscurso, na memória do dizer.” (ORLANDI, 2007, p. 100), e aqui nos interessa observar como o interdiscurso pode ser modificado e quais

efeitos de sentidos são produzidos a partir de determinados usos das palavras e expressões escolhidas.

A escolha das palavras de nomações e caracterizações da comunidade homossexual neste trabalho se justifica pelo entendimento de que a existência do sujeito, enquanto ser ontológico e enquanto representação, passa pela sua existência no discurso. Desse modo, é preciso entender que lugares os sujeitos representados ocupam no discurso do Outro e até que ponto o lugar ocupado pelo Outro, (re)produtor do discurso, pode influir na produção de sentido sobre o sujeito representado e, conseqüentemente, nos lugares que esse sujeito pode ou não ocupar, discursivamente ou socialmente. Sem mais, vamos para o Lampião.

4 DE PALAVRA EM PALAVRA: EMBATES

“Na auto-acusação há uma espécie de volúpia. Acusando-nos, sentimos que ninguém mais tem o direito de nos censurar. É a confissão que nos absolve, não o sacerdote.”

-Oscar Wilde

Como dito no capítulo anterior, buscamos neste trabalho coletar SDs que mostrem os usos de palavras e expressões que nominam ou caracterizam a comunidade homossexual do período, tentando entender tanto os sentidos atribuídos, com o uso das formas linguísticas, pela redação do jornal Lampião da Esquina quanto aqueles mobilizados no discurso dos leitores. Para isso, a princípio, buscamos concentrar as SDs nas ocorrências dos vocábulos na

sessão que faz vezes de editorial, a coluna “Opinião”, e na sessão “Cartas na Mesa” (a saber, das edições de números zero, 1, 2, 27, 28 e 29). Nossa intenção inicial era buscar as três últimas edições do jornal (de números 35, 36 e 37), porém a edição de número 29 é a última em que a coluna “Opinião” é publicada. Falaremos um pouco sobre isso mais à frente.

Utilizando a ferramenta de busca virtual do próprio leitor de PDF nos arquivos selecionados, chegamos aos números de vezes em que algumas palavras selecionadas na leitura aparecem nas publicações. Para fins didáticos – e para facilitar a apresentação e discussão dos dados – reunimos os números em um quadro a fim de comparar as ocorrências em números. Os vocábulos utilizados como palavras-chave aqui foram: “bicha”, “gay”, “guei”, “homossexual”, “homossexualismo”, “homossexualidade”, “travesti”, “entendido”, “viado”, “sapatão”, “boneca” e “frescura”. Estes são os vocábulos mais recorrentemente utilizados para caracterizar a comunidade LGBTQIA+ no periódico; nos interessam por ser também vocábulos recorrentemente utilizados como pejorativos à mesma comunidade (inclusive até os dias de hoje); as palavras nos chamaram a atenção ainda por seu emprego e pelos contextos de apresentação e mobilização de sentidos que trataremos a seguir.

Quadro 1. Ocorrência dos vocábulos nas edições de *Lampião*

	Nº zero	Nº 1	Nº 2	Nº 27	Nº 28	Nº 29
Bicha	3	13	29	40	39	42
Gay	19	6	18	34	28	16
Guei	5	25	20	14	21	24
Homossexual	38	29	62	72	58	62
Homossexualidade	7	13	9	14	9	18
Homossexualismo	20	9	18	27	18	12
Travesti	15	19	6	12	10	8
Entendido	1	8	6	7	5	6
Viado	7	6	1	5	9	10
Sapatão	-	1	-	-	1	-
Frescura	2	2	3	2	3	2
Boneca	4	-	5	3	2	4

Elaborado pelo autor (2021)

Apesar de se tratar das ocorrências em geral nas edições como um todo, os números acima no Quadro 1 podem nos dar algumas pistas de como desenvolveu-se o uso de tais vocábulos. O aumento gradativo do termo “bicha”, por exemplo, que traz uma grande carga estereotipada e estigmatizante, mostra como o uso dessa palavra foi sendo, em certo nível, normalizada dentro dos escritos; o aumento de “homossexualidade”, palavra até então não tão usual, nos mostra também um progresso no tocante às denominações e concepções relativas às sexualidades divergentes. Passaremos aqui a uma análise mais focal, tomando as SDs retiradas das sessões “Opinião” e “Cartas na Mesa”, sobre as palavras elencadas.

4.1. Gay x Guei: a brasilidade em jogo

Uma das articulações que chama a atenção na Formação Discursiva em que o jornal se inscreve é o uso da palavra “guei” ao invés do estrangeirismo “gay”. Trevisan (2018), nas notas à 4ª edição da obra *Devassos no Paraíso*, justifica esta grafia “por considerar mais adequada às especificidades gramaticais do português” (TREVISAN, 2018, p. 14). Esta grafia aportuguesada – ou abasileirada – também aparece, logo na edição de número zero do *Lampião*, justificada em uma carta do leitor Paulo Bonorino, de Canoas (RS). O texto é quase um artigo de opinião, tomando praticamente meia página, e é intitulado “Apelo ao jovem guei”. Tiramos dele a parte que trata deste vocábulo no trecho que aqui chamaremos de SD1:

SD1: Não aprecio a palavra guei aplicada às pessoas homossexuais simplesmente porque não podemos defini-las como alegres por natureza e essência. Não raro os homossexuais têm motivos de sobra, numa sociedade homófoba como a nossa, para estarem tristes, mas como muitos adotam habitualmente um comportamento artificial em consequência de discriminações mais ou menos veladas a que estão sujeitos, a palavrinha grudou mesmo. Também não vou com "straight" porque ser heterossexual não significa, como todos sabem, ser necessariamente honesto, moralmente sadio ou qualquer outra coisa assim.

Nesta SD, somos apresentados a uma série de conceitos que inclusive serão desenvolvidos nas edições posteriores do jornal. A princípio, temos a discussão entre as palavras inglesas “gay” e “straight” (que seriam os equivalentes a homossexual e heterossexual); o leitor parte de outros sentidos dados a “straight” (direito, certo, honesto) e como isso não necessariamente enquadra os heterossexuais. Tomando esse exemplo, e considerando que

homo e hetero são aqui colocados como diametralmente opostos, entende-se que “gay” poderia ter outras conotações também contrárias (torto, errado, desonesto). No entanto, “gay” é colocado como sinônimo de “feliz”, “alegre” na língua inglesa; fazendo o mesmo exercício anterior, entende-se que a heterossexualidade estaria possivelmente ligada a uma infelicidade ou tristeza, quando na realidade, como aponta o leitor, é o homossexual que possui motivos para estar assim, devido à homofobia da sociedade. Assim, o sujeito inscreve-se numa posição de negação quanto aos entendimentos do pré-construído a respeito da dualidade entre homossexual e heterossexual, e coloca em cheque a própria dicotomia homo/hetero como diametralmente opostos, uma vez que os significados e sentidos atribuídos nesta fala não estão de acordo com esta oposição. Na sequência de sua fala, encontramos a SD2:

SD2: E ainda por que tudo isto visto de perto não passa de gíria americana e não sei até que ponto vamos admitir, se vamos, a americanização de nossa homofilia, que a meu ver deveria ser bem verde amarela mesmo.

Nesta SD, o leitor fala sobre a americanização do movimento, e de sua vontade de que a comunidade homossexual brasileira seja “bem verde amarela mesmo”. Como já visto, a situação dos movimentos pela liberação homossexual era bem diferente nos EUA e no Brasil, devido ao momento histórico vivido; por isso, neste ponto, o sujeito entra em consenso com os preceitos do jornal, que, como já descrito no capítulo anterior, busca em seus textos falar sobre o movimento de uma maneira mais abasileirada, resgatando a linguagem dos nossos guetos. Mais à frente, selecionamos a SD3:

SD3: Este é um papo interessante porque temos que nos entender um tanto sobre o sentido das palavras que empregamos, principalmente quando estas nos são novidades ainda.

O sujeito escritor do texto fala, nesta SD, sobre a necessidade de reflexão acerca do emprego das palavras, ressaltando o caráter de novidade. Isso nos mostra duas coisas: a consciência do sujeito em refletir sobre a nomeação e caracterização de si (coisa que torna-se foco neste trabalho) e o reconhecimento de um debate ainda em início, necessitando de contribuições e desenvolvimentos maiores. Assim, inscreve-se em uma FD que vê necessidade na ampliação do debate linguístico dentro dos movimentos homossexuais.

No jornal, de modo geral, a palavra americanizada (gay) é usada majoritariamente em títulos de outras obras, a fim de preservar o uso da autoria, ou em nomeações já conhecidas, quando fala, por exemplo do movimento “Gays contra o fascismo”; assim, reserva para os textos autorais a grafia aportuguesada “guei”. Esta mudança, motivada por uma reprodução mais fiel à fonemática do português, mobiliza os sentidos de identidade cultural (e, conseqüentemente, linguística) nacional que os editores buscam.

É curioso perceber também como o vocábulo “guei”, assim como no inglês, serve tanto como substantivo quanto como adjetivo. Nos textos, em todas as edições, a palavra ganha esse caráter morfológico. Isso pode ser entendido também como uma herança da morfossintaxe da língua inglesa, onde um substantivo pode facilmente transitar entre substantivo, adjetivo, verbo. O “guei” também ganha caráter de classificador. Na SD 4, retirada do nº 1, vemos na carta de um leitor anônimo este uso adjetival:

SD 4: Deixar de ser tão guei. O jornal pode enfocar outros assuntos, política, saúde, atualidades, comportamento, moda, espetáculos, não se restringindo a assuntos exclusivos gueis. Assim vocês estão indo de encontro aos objetivos do jornal. Estão se isolando e não se integrando.

Aqui vemos o “gueis” enquanto característica do substantivo “assuntos”. Nesse sentido, enquanto adjetivo, podemos compreender que há, no uso da palavra, algum nível de avaliação do sujeito enunciador acerca dos substantivos que adjetiva. Como o sujeito recomenda “deixar de ser tão guei” podemos entender que considera “guei” uma classificação não muito própria ao jornal. Ainda vemos outra coisa interessante nesta SD: a separação entre assuntos “exclusivos gueis” e “outros assuntos” (como política, saúde, atualidades, comportamento, moda, espetáculos); entende-se que na compreensão do sujeito dessa SD, não há entrecruzamento entre política, saúde, atualidades, comportamento, moda, espetáculos e as demandas da comunidade homossexual ali representada (o que é estranho, uma vez que o jornal busca, como diz no texto de apresentação da edição de número zero, “esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana”). Essa FD em que o sujeito se inscreve é aquela mesma que preconiza o lugar dos homossexuais; que diz que temas

como política e saúde não são lugar discursivo para os homossexuais, e que eles não têm direito a se colocar nesse debate. Por fim, a menção ao isolamento em contraposição à integração reflete a lógica de pensamento (FI) que regula essa FD: a inclusão só ocorre se houver adequação à heteronormatividade.

Vemos então como o debate sobre os estrangeirismos ou brasilidades nas nomeações, apesar de buscar uma identidade nacional, ainda possui muito dos conceitos estrangeiros nessas primeiras edições do jornal, tanto na função linguística das palavras quanto em seus conceitos e estruturas mais profundas de significação. Como disse o primeiro leitor, é preciso mais conhecimento sobre os significados das palavras empregadas.

4.2. Homossexual, guei, viado, bicha: uma gradação degradante

Outro ponto interessante ao olhar para as construções utilizadas, principalmente do jornal, são os significados que emergem com o uso das palavras do título dessa subseção. São quatro palavras utilizadas para denominar o mesmo “tipo” de ente no mundo sensível: o sujeito homossexual; no entanto, como veremos a seguir, há sentidos a mais em cada um desses nomes que atribui camadas de sentido e de interpretação acerca dos sujeitos representados por essas palavras.

Como podemos ver no Quadro 1, o que mais é utilizado em todos os textos é o vocábulo “homossexual”. A palavra, considerada mais rebuscada, e de caráter até científico – quase técnico –, uma vez que mantém relação morfológica com “homossexualismo” e “homossexualidade”, é o que mais se aproximaria de um *politicamente correto* da época. É o que podemos ver na SD5, retirada da sessão Opinião do número 1 de Lampião:

SD5: Aprofundando um pouco as colocações iniciais: categorias sexuais são específicas e essa especificidade deve ser concretamente analisada por todos os interessados em seu esclarecimento. O que não implica em perder de vista não só as conexões destas várias categorias entre si, uma vez que muitos de seus problemas são relacionados, nem as que existem em outras categorias sociais. Nesse sentido é que a questão da homossexualidade, que começa a definir-se claramente, tem importância para iluminar a problemática mais geral da sexualidade humana

Aqui podemos ver como o texto, que se assemelha em partes com uma discussão acerca das bases filosóficas e/ou fisiológicas da sexualidade, tem um caráter técnico-científico, aproximando-se muito do discurso médico, ou psicológico. Esta formação discursiva em que o jornal se inscreve encontra justificativa na premissa de que, para poder circular não só no meio “guei” mas também entre mais pessoas, deveria adquirir ares de seriedade e intelectualidade, a fim de ser mais “aceito socialmente”. Vemos isso também na interlocução do leitor, na carta de Paulo Bonorino retirada do número zero, compondo a SD6:

SD6: Pensemos então: o que faz o jovem homossexual brasileiro hoje quando se depara com sua singular condição e com a atitude dos demais para com pessoas como ele?

Na fala acima, tanto pelo uso de “homossexual” quanto pelas outras construções frasais utilizadas, consideradas menos usuais e mais rebuscadas (como “singular condição” e “para com pessoas como ele”), que o uso da palavra indica um refinamento linguístico e intelectual, flertando tanto com o academicismo quanto com o vocabulário técnico. Assim, vemos que “homossexual”, enquanto sujeito dotado de homossexualidade, é usado de maneira quase técnica – e por isso mais generalista – para designar um sujeito que tem como único traço de destaque a sua sexualidade. Assim como “guei”, também é utilizada como adjetivo, tornando-se quase sinônimos.

No entanto, o uso de “guei” parece carregar mais sentidos do que a generalidade de “homossexual”. Como vimos no tópico anterior, o “guei” é mais utilizado buscando essa identidade nacional e também de maneira mais popular. É como se o “homossexual” fosse o sujeito ideal, do discurso técnico-científico, enquanto o “guei” tende mais ao sujeito empírico a quem se atribui o caráter de homossexualidade e que faz uso dele.

Os próximos vocábulos, “viado” e “bicha”, já possuem mais camadas semânticas. As duas palavras possuem um sentido em comum: a animalização do sujeito homossexual; excluindo-se o homossexual da categoria humana, abre-se mais espaço para preconceito, discriminação e violência a estes. Essa desumanização encontra precedentes nos usos populares da palavra como

forma de desqualificar, hostilizar e fazer chacota dos sujeitos; as palavras são utilizadas socialmente como forma de xingamento, inclusive, há muito tempo.

Ainda, entre as duas palavras, vemos uma distinção de sentidos: enquanto “viado”, é utilizada para designar homossexuais de comportamento mais masculinizado, “bicha” é a alcunha do homossexual de traços e trejeitos feminilizados, que tem sua expressão corporal mais próxima do socialmente imposto como feminino. Assim, vemos como a gradação e a carga depreciativa e estigmatizante se acentua conforme o sujeito passa daquele idealizado e abstrato para aquele que, no mundo, rompe com o comportamento esperado para seu gênero e sua sexualidade.

Prova dessa estigmatização é a comparação do número de usos dessas em relação aos dois vocábulos anteriores. A pretensão de circulação do jornal entre outras “classes” sociais inicialmente fez com que essas palavras estivessem quase de fora das edições. No entanto, progressivamente, foram ganhando espaço entre os escritos; na coluna opinião, aparece nos últimos números, inclusive despertando uma interessante discussão política no texto da edição 25 intitulado “Recadinho a Alice”, assinado por João Silvério Trevisan, de onde retiramos a SD7:

SD7: Nossa linguagem comporta ideias como: "ganhamos mais um ponto", "passaremos ao ataque". "combateremos quem quer nos esmagar" Coisa de santa causa, outra vez. Alice! Ou então, sofreremos de um generalizado oba oba político, onde o ato de desmunhecar virou coisa de manual: para uns, desmunhecar é "revolucionário"; para outros, é "decadente". Já existe então a bicha "verdadeira", o viado "mais autêntico". Provavelmente, não demora muito estaremos aguardando a vinda de um Messias Bicha (ou Lésbica)

Vemos aqui que já em uma das edições avançadas do jornal, o uso de “bicha” e “viado” são mais naturalizados. Como dito por Trevisan, agora, para além de “decadente”, a expressão corporal mais feminilizada (o “desmunhecar”) pode ser encarada como ato político de rompimento com as estruturas sociais. O aumento progressivo de tais palavras no jornal, evidenciado no Quadro 1, também nos revela isso. O estigma foi ganhando ares de identidade e seu uso, pouco a pouco, normalizado.

Essa naturalização ganha reflexo nas cartas dos leitores também. Enquanto nas primeiras edições não vemos nenhuma menção a essas

palavras na sessão “Cartas na Mesa”, já no número 27 encontramos o trecho elencado como SD 8:

SD 8: Para nós, bichas (prostitutas, ladrões, vagabundos, crioulos revoltados, adolescentes rebeldes, etc.) esta questão (apenas esta?) parece ser um pouco confusa. Por quê? Primeiramente porque a sociedade machista nos impõe escalas de Valores, ideais e mesmo religião segundo o que ela mesma experimenta e vive, sem levar em conta a nossa "diferença"

Nesta SD, além de ver o uso de “bichas” enquanto apropriação de identidade, usada no lugar de aposto na frase e identificando um pronome tão identitário quanto “nós”, vemos também um alarguecimento do conceito. No discurso, o leitor identificado como MAPM, de Niterói, coloca ao lado de “bichas” as prostitutas, os ladrões, os vagabundos, os crioulos revoltados, os adolescentes rebeldes. Quando olhamos para o contexto histórico, essas menções são explicadas: durante a ditadura, os censores e a polícia davam estes nomes àqueles que descumpriam as normas estabelecidas e iam contra “a moral e os bons costumes” pregados pelo regime ditatorial brasileiro. Trazendo estas categorias para o mesmo patamar, o sujeito está inscrevendo-se na FD da ditadura militar, não para corroborar com os ideais propagados, mas para ironizar e subverter; colocando todos no mesmo nível, está conclamando os grupos minoritários que eram perseguidos pela ditadura, criando uma associação entre os oprimidos. Percebamos que não são os homossexuais, gueis ou viados que são colocados nesse íterim: são as bichas, como o subgrupo de mais discriminação dentro do movimento homossexual.

Deste modo podemos ver como a nomeação cria uma classificação para os sujeitos homossexuais segundo a carga de estigma a que são submetidas, segundo o Fluxograma apresentado na Figura 2 abaixo:

Figura 2. Fluxograma: A gradação degradante



Elaborado pelo autor (2021)

É notável como há uma noção quase hierárquica entre os sujeitos nomeados por estes vocábulos. Esta hierarquização pela linguagem, na forma de nomeação, também encontra precedentes nos lugares que podem (ou não) ser ocupados por estes sujeitos (empíricos), na sociedade, na rua e (discursivos) nos espaços de debate e no próprio discurso.

4.3. Homossexualidade ou Homossexualismo?

Em nossa análise, chegamos a outro impasse conceitual. Em todas as edições do jornal, desde o número zero, mescla-se o uso de “homossexualidade” e “homossexualismo” para se referir às sexualidades homo. Como sabido dentro dos estudos de gênero e sexualidade, o termo “homossexualidade”, enquanto vocábulo principal e preferencial para se referir à sexualidade humana, é recente, enquanto que “homossexualismo”, usada erroneamente até hoje, produz outros efeitos de sentido. De acordo com Silva (2017),

Apesar do código internacional de doenças (CID) retirar o termo homossexualismo de seu índice no final da década de 1980, não é raro que ainda se encontre até hoje, principalmente no discurso religioso a recorrência desse termo, que, com o sufixo ismo, remete a doença (raquitismo) ou prática social consciente (cristianismo). A recorrência desse termo na FD da religião cristã produz efeitos de sentido de que o sujeito homossexual escolhe por sê-lo ou que é uma pessoa doente, carente de tratamento. (SILVA, 2017, p. 52)

Em outras palavras, entendemos o uso do sufixo “ismo” como uma tentativa de classificar as sexualidades diferentes da heterossexual como uma escolha, o que poderia implicar na mudança voluntária de prática, ou como uma doença. Essa FD, de acordo com Silva (2017), implica em geral na tentativa de reversão da homossexualidade.

A retirada do “homossexualismo” do CID e a adoção de “homossexualidade” para designar a sexualidade deste grupo foi, sem dúvidas, um avanço. Como aqui lidamos com arquivo anterior a essa mudança regulamentar normativa (que, enquanto texto reconhecido por autoridades médicas, se configura como um acontecimento discursivo, alterando o modo de tratar o tema), não é surpresa ainda encontrar o termo “homossexualismo”

como designação da sexualidade homo. No entanto, a palavra ganha, no uso, já o sentido que seria definitivamente mudado. O texto da sessão “Opinião” da edição de número 2 do *Lampião* traz essa temática; intitulado “Homossexualismo: que coisa é essa?”, o artigo procura dar um panorama do que a equipe editorial considera ser o que chamam de homossexualismo. No decorrer do texto, assinado por Darcy Penteado, temos a palavra “homossexualismo” e “homossexualidade” mescladas, porém o conceito trabalhado vai contra a FD que o põe como prática, doença ou algo passível de reversão. Podemos ver isso na SD 9:

SD 9: Pelo menos, uma coisa é certa e relevante: os psiquiatras modernos, na impossibilidade de curar (?), trabalham no sentido de ajustar os pacientes à sua homossexualidade, o que já é tarefa difícil, considerado as barreiras da sociedade de predominância heterossexual, que tem obrigado o homossexual a viver em mutismo à sua verdade, o circunscritou aos limites do “gueto” da tolerância coletiva. Por essa razão a maioria dos homossexuais tem desejado ser “normal” e durante toda a vida recalca e esconde seus sentimentos verdadeiros, numa tentativa de condicionamento nessa “normalidade”.

Nesta SD vemos que, apesar de o título do texto carregar a palavra “homossexualismo”, o sentido que se pretende não é o de doença ou prática voluntária e consciente; pelo contrário, o jornal entende que, não sendo doença, não há meios de promover “cura”, e não sendo opcional, não há como optar por um comportamento diferente. A homossexualidade aqui é entendida como faculdade inerente aos seres humanos e deve ser encarada como tal. O discurso de *Lampião* afasta-se da FD que quer enquadrar os homossexuais como doentes ou agentes voluntários, passíveis de cura ou mudança, e tenta promover a consciência de que o que falta é um maior conhecimento e adequação dos sujeitos à sua sexualidade. O impedimento de adequação do ser à sua essência, como diz o autor, é a visão da sociedade e a carga negativa que sexualidades diferentes da heterossexual carregam.

Um outro conceito interessante a ser notado aqui é o de “normal” – que é, inclusive, posto entre aspas pelo sujeito do discurso. O uso das aspas já nos mostra um entendimento de que a palavra não é a mais adequada para falar de sexualidade, assim como pode significar uma ironização do vocábulo; além disso “normal” e “normalidade” mantêm relação morfológica com “norma” – entendida como um modelo, uma ordem a ser seguida. Assim, por não se

adequarem a esta norma, os sujeitos homossexuais são vítimas de preconceito na sociedade regulada pela “normalização” da sexualidade humana. Vemos a reposta do jornal a isto, mais à frente no texto, no trecho que chamamos de SD10:

SD 10: Neste caso, agora continuo eu, todos os que saem desta bitola estreita, os artistas, os criadores, os imaginosos e talentosos devem ser considerados anormais porque as normas de uma sociedade são ditadas pela ideologia média e as exceções quando muito, são suportadas e raras vezes aceitas.

A este ponto, o sujeito redator do texto toma posse da autoria e coloca de fora da norma outros sujeitos que são considerados “anormais”. Nesta SD, coloca-se o homossexual, enquanto “anormal”, fora da norma, ao lado de artistas, criadores, imaginosos e talentosos. A atitude de rejeição dessa norma é compartilhada também pelos leitores. Da edição 29, retiramos a SD 11, da carta de uma leitora identificada como Adriana; na ocasião, escreve a respeito do pronunciamento de um secretário do governo militar que, em TV aberta, proferiu fala que reafirmava o conceito de homossexualidade como anormalidade:

SD 11: Como se sentiria você, sentado em sua casa, assistindo TV, e ser chamado de “anormal”, sem a menor consideração? Temos o nosso direito. Somos seres humanos e temos todo o direito de sermos tratados como tal.

Nesta SD vemos como o público compartilha do conceito de que a homossexualidade é algo inerente ao ser humano, e que tratar isso como anomalia é desumanizar os sujeitos homossexuais. Há a reafirmação da condição de humanidade por esses sujeitos e o desejo pela garantia de direitos. Vemos como a ideia de homossexualidade é disseminada pelo jornal e faz diferença na vida dos leitores, até mesmo por se abrir como local de debate e expressão dos sujeitos silenciados pela ditadura, tratados como não-pessoas e “anormais”.

Essa atitude (posição-sujeito) tomada, nos mostra como o conceito de “homossexualismo” do jornal está muito mais próximo do que se entenderia, anos depois, como “homossexualidade”: uma característica inerente da pessoa humana. O discurso de Lampião, em uma FD que se afasta da FD médica ou religiosa, já movimentava sentidos que no futuro seriam mais analisados e conferidos à palavra “homossexualidade”, tornando este termo o mais

adequado. É curioso perceber como a retirada do termo do CID, que estabeleceu a nova denominação no discurso médico, configurou-se como um acontecimento discursivo, porém os sentidos já eram mobilizados bem antes por quem compreendia a natureza da vivência homossexual no mundo.

4.4 Entendido: o que se entende?

Nas décadas de 70, 80 e 90, a gíria “entendido” era comum no Brasil para denominar sujeitos homossexuais. Popularmente, era uma maneira discreta de afirmar a própria homossexualidade sem causar impacto tão grande. De acordo com Silva Júnior (2004),

A princípio utilizado apenas por homossexuais, o termo não remetia ao preconceito da palavra “viado”, já comum na época. E, assim, o modelo bicha/homem, ativo/passivo vai se transformando pouco a pouco em homossexual/homossexual. (SILVA JÚNIOR, 2004, p. 21)

Vemos, assim, como o “entendido” buscava eximir-se da carga pejorativa de outros vocábulos que já eram usados socialmente de forma negativa, de modo a buscar outros sentidos para a denominação de sua sexualidade. Essa autoafirmação enquanto alguém diferente do que a sociedade pensa é um dos preceitos de Lampião; no entanto, o jornal faz isso não pela via da busca de novas palavras, mas sim pela ressignificação das palavras consideradas negativas.

É curioso pensar nos sentidos que essa palavra mobiliza, uma vez que é anterior à denominação dos homossexuais e possui sentidos primeiros. O “entendido” seria alguém que entende de algo (entendido sobre medicina, entendido de direito), necessitando de complemento para completar seu sentido. No entanto, quando a palavra passa a ser substantivo e denomina um ser no mundo, parece ganhar sentidos de reflexivo: entendido é quem se entende. Esse “entender-se”, por ter significados múltiplos e, por isso, estar mais ou menos aberto à interpretação, foi usado, como dissemos, como um modo discreto de definir-se diante de sua homossexualidade.

Talvez por esse motivo, notamos a ausência do termo nos editoriais de Lampião. O vocábulo, sendo discreto, vai contra os objetivos do jornal, de trazer à luz a questão homossexual. A palavra é encontrada poucas vezes nas edições, como mostra o Quadro 1; mesmo entre as cartas de leitores, o termo

quase não aparece. Isso pode significar que o jornal, enquanto espaço de maior abertura e debate para os sujeitos não-heterossexuais, deixou os leitores mais à vontade para denominar-se enquanto homossexuais, gueis, viados, bichas. Deu voz para que não fosse necessário o uso de vocábulos discretos e ambíguos, dando nomes mais precisos e recuperando a linguagem dos guetos gueis.

4.5 Travestis e bonecas: a questão do gênero

Nos primeiros números de Lampião, o corpo editorial se compromete a falar de componentes em geral da comunidade homossexual – hoje conhecida como comunidade LGBTQIAP+. No entanto, podemos perceber, até mesmo pelo Quadro 1, que há uma predominância de alguns gêneros e sexualidades dentro das publicações, tanto enquanto vozes discursivas, que possuem amplo espaço de fala, quanto seres representados discursivamente.

Nesse sentido, chegamos à questão travesti. Inicialmente, temos um conflito de definição desta palavra entre o gênero masculino ou feminino (linguisticamente falando); enquanto “bicha” ou “viado” possuem, em sua morfologia, elementos que denunciam o gênero da palavra (aquela feminina e esta masculina), dando já indícios de como é interpretada a atitude de tais seres no mundo, em “travesti” não temos um marcador de gênero de acordo com os pré-determinados pela língua portuguesa. Isso por si só já causa (mais uma vez, linguisticamente falando) uma indeterminação de gênero que precisa ser dissolvida pelo segundo mecanismo que temos em nossa língua para identificação de gênero: o artigo. Seria “o travesti” ou “a travesti”?

A este ponto é importante destacar que esta análise, apesar de reconhecer a importância e *necessidade* de estudos de gênero que possam dar mais bases para uma reconstrução linguística mais acertada acerca de identidades fora da cisgeneridade, não se compromete em avançar neste debate. Nos interessa saber como a realidade atravessa os discursos presentes no jornal Lampião e o que isso pode significar e demonstrar sobre a mentalidade dos usuários da língua enquanto ato discursivo.

Assim, percebemos um uso peculiar da palavra “travesti”. Enquanto o jornal a usa para nomear declaradamente pessoas com identidade feminina,

caracteriza a nomeação com o artigo “o” (masculino, singular, definido). Aparecendo nenhuma vez nas colunas “Opinião” das primeiras edições, a denominação “travesti” vai aparecer apenas nas cartas de leitores, ganhando, para além do artigo masculino, outros caracteres que deixam clara a confusão que a palavra faz na perspectiva binária homem/mulher da sociedade. Podemos perceber isso no uso presente na SD 12, retirada do número zero, da carta mandada por uma leitora identificada como Elisa Doolittle, de Salvador, Bahia:

SD 12: Será que vocês poderiam publicar umas fotos de Eloina, o travesti, aquela que Sai quase nua na Beija-Flor? É verdade que o nome dela não pode aparecer na televisão, durante o desfile, para que todo o mundo pense que é uma mulher?

É possível perceber aqui uma porção de ideias e pré-construídos sobre a palavra travesti – e as pessoas que a palavra nomeia – para além daquelas noções que escapam quase como ato falho. Em primeiro, temos, como já dito, o uso do artigo masculino “o” para caracterizar “travesti”. No entanto, todo o resto do discurso remete a uma identidade feminina: o nome Eloina (o marcador “a” na morfologia da palavra aparece aqui), o uso de “aquela”, “nua”, “dela”, tudo está marcado linguisticamente enquanto gênero feminino. Isso nos demonstra como a imagem visual feminina de Eloina pode até regular suas caracterizações, mas ainda persiste a carga masculina nomeadora de “o travesti”. Esta dualidade e confusão são aparentes quando se trata de questões de gênero que escapam à cisgeneridade.

Outro elemento interessante é, no discurso da leitora, a frase “para que todo o mundo *pense* que é uma mulher”. Essa frase nos mostra uma aproximação com a FI de que travesti não é mulher; ao mesmo tempo em que “o nome *dela*” mostra o reconhecimento de que travesti não é homem (caso contrário estaria “o nome *dele*”, ainda mais se tratando de um nome civil, que estaria no masculino). Essa contradição põe travestis num local em que não são homens nem são mulheres, assim como não há como, linguisticamente lhes dar outro gênero. Estão nesta corda bamba de indefinições, colocadas em um patamar de exotividade e distância, como o Outro. O jornal responde a leitora falando que está na pauta uma matéria sobre travestis, que realmente se realiza, porém na edição de número 4, fora de nossa seleção. No entanto, o

jornal também faz uso, nas matérias, desta confusão: o artigo masculino cercado de adjetivos no feminino.

Na próxima SD, é possível analisar como, além desse lugar de indefinição, travesti é um ser colocado na marginalidade, como que distante e indesejado, pela comunidade mais central do movimento homossexual:

SD 12: Tínhamos o **Mundo Gay**, que acabou se perdendo em sua própria fragilidade. O **Entender** também se crucificou entre tantos "roteiros" e mau caráter (os travestis invadiram todas as páginas e "sujaram" a barra).

Na carta, retirada da edição de número 2, o leitor identificado como José Alcides Ferreira, do Rio, faz Menção a outras duas publicações anteriores ao *Lampião* que também tinham como foco o mundo homossexual. Além do uso do artigo masculino "os", colocando travestis no gênero masculino, o leitor usa "invadiram" e "sujaram" para descrever a ação das pessoas travestis no jornal *Entender*. Nesta SD percebemos a carga negativa que o sujeito põe sobre essa parcela da comunidade; ele, que se identifica como homossexual, põe-se em um grupo de maior grau, dizendo "nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos, sem a necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos" (*LAMPIÃO*, nº 2, p. 14). Essa posição-sujeito, que se coloca discursivamente enquanto superior por seu modo de agir ou trajar-se, mostra como há uma distinção niveladora nas FIs que regular este discurso. Enquanto, nesta FD, travestis são seres *invasores* e *sujos*, o homossexual mais próximo do conceito heteronormativo de homem é aproximado de uma humanidade, porém sem alcançá-la plenamente ("nos relacionamos *como* seres humanos", uma similaridade, não igualdade). Percebemos também como entra aqui o conceito de normalidade em "homens normais", colocando travestis na "anormalidade". Essa ideia, curioso notar, é a mesma que põe todos os homossexuais na esfera de anormalidade em contraposição aos heterossexuais, que são a normalidade. Dessa forma, vemos uma reprodução de estruturas sociais opressoras dentro da própria comunidade.

Na edição 29, última em que aparece a coluna "Opinião", vemos uma menção também interessante a travestis. O texto intitulado "Dando nome aos bois" traz, como fato de abertura, a prisão da travesti de nome de registro Mário

Franco (o jornal identifica apenas assim), que fez graves denúncias sobre condutas do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social, órgão repressor da ditadura militar brasileira).

O texto dá a Mário Franco o epíteto de “conhecida boneca paraense”; a palavra “boneca” identifica travestis, como sinônimo, e contribui com a ideia de não-humanidade. Apesar de pouco usado no Jornal, esse vocábulo aparece sempre para designar essa pessoa que confunde as definições de gênero, sendo ora feminino ora masculino, não se encaixando em nenhum e não podendo estar fora desta divisão. Do texto, tiramos a SD 13:

SD 13: Um tal Zanini, de uma dessas Falanges direitistas que pululam por aí, disse no JB “não ter nada contra os homossexuais, mas não aprova o uso de remédios para assumir formas femininas”. Como um grande número de homossexuais não suporta travestis, não acho a frase desprovida de sentido divisionista e sorrateiro.

Essa SD confirma, como vimos também na SD anterior, a segregação interna ao movimento que já existia. Travestis sofrem a caracterização de entes menores, sujios, invasores e cujo comportamento seria danoso, tanto ao meio homossexual quanto à sociedade.

A coluna “Opinião” da edição 29, que trata das denúncias de Mário Franco, expressa também uma ferrenha posição política a respeito dos conflitos entre direita e esquerda dentro da comunidade homossexual. Aponta a omissão daqueles e daquelas que preferem se abster do assunto e mostra como a esfera política está intimamente ligada com as noções acerca do movimento homossexual brasileiro, a certo ponto até cobrando mais ação dos participantes desta comunidade. Não fica claro, nem nessa nem nas edições seguintes, o motivo da interrupção de publicação da coluna; porém a edição seguinte, nas cartas de leitores, traz duras críticas ao posicionamento do jornal em cobrar um posicionamento político, mas não dar, de fato, voz às minorias dentro do gueto; falam sobre o intelectualismo exacerbado das matérias e a falta de representatividade de alguns setores, assim como a diminuição de pautas transversais, como questões de raça e classe. Essas críticas podem ter desmotivado a publicação da coluna, ou motivado a intenção de diluir a “Opinião” entre outros artigos e colunas.

A denominação “travesti”, além de uma confusão morfossintática, também representa uma quebra com vários paradigmas linguísticos – e sociais. As questões de gênero, ainda pouco trabalhadas nas décadas de 70 e 80, encontram dificuldade de desenvolvimento devido à repressão governamental e social na ditadura, como a que houve com Mário Franco. No entanto, o discurso, enquanto espaço de movimentação dos sentidos e atuação dos falares, mantém-se como forma de resistência, especialmente em questões revolucionárias como a fuga da binaridade de gênero.

4.6. Cadê a sapatão?

Outra questão que aqui selecionamos é sobre a já referida ausência de mulheres na composição do *Lampião*. Para além da falta de mulheres no corpo editorial do jornal, percebemos, como é possível ver no Quadro 1, a falta da menção a elas também nos textos do periódico, enquanto elemento representado. Selecionamos aqui a palavra “sapatão” por entender que este vocábulo é o que poderia significar um resgate da linguagem do gueto sobre as mulheres homossexuais.

Na edição de número 3 do *Lampião* (edição fora de nosso recorte, mas importante mencionar), há de fato a inclusão de mulheres em textos – como autoras, em especial Zsu Zsu Vieira e Lúcia Rito – e a edição tem um caráter um pouco mais voltado para o público lésbico, com entrevistas com mulheres e matérias a respeito delas. No entanto, uma parte significativa dos textos continua a ser assinada por homens. Apenas no número 12 há uma quantidade mais considerável de textos escritos por mulheres, inclusive textos escritos em primeira pessoa pelo grupo de lésbicas do coletivo SOMOS de luta a favor da chamada liberação homossexual.

Quanto à terminologia “sapatão”, nos textos em que selecionamos para análise (as colunas Opinião e Cartas na mesa), não são feitas menções a ela. Uma alternativa para este caso foi procurar também pela palavra “lésbica”, e encontramos resultado como o que tomamos por exemplo no trecho da carta do leitor identificado como Guilherme Império, de Campinas, SP, na SD 14:

SD 14: Quer dizer que pessoas que por uma razão ou outra gostam de ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo têm que

assumir a 'condição' de "guei", "lésbica", "homossexual", "veado", "bicha", "entendido" ou coisa que o valha.

A quase totalidade das vezes em que a palavra aparece é em meio a enumerações de outras "classificações" de homossexualidade, como que apenas para compor a lista. Em geral, aparece em construções como "bichas e lésbicas", que pode ser entendido como um traço distintivo para marcar a diferença de gêneros. Em muitos outros momentos aparecem construções do tipo "mulheres homossexuais", porém poucas, que são enquadradas no tópico 4.2. Esse apagamento nos mostra como há uma invisibilização da comunidade lésbica, provocadas pela, como diz o título da coluna Opinião da edição de número 4, escrita por Zsu Zsu Vieira, "doença infantil do machismo".

4.7. Frescura: qualidade ou desnecessário?

Este último tópico foi escolhido por se revelar como um verdadeiro embate, especialmente entre os leitores de Lampião. Alguns leitores defendem a chamada "frescura", enquanto outros a desencorajam. Por ser um vocábulo em disputa, nos interessa saber a lógica que permeia os sentidos mobilizados nessa palavra e suas variações.

Na edição de número 1, após grande repercussão do número zero, temos um trecho interessante na carta de um leitor anônimo, que dá uma sugestão, como podemos ver na SD 15:

SD 15: Aumentar a frescura. Tá sério demais. Quase não tem piadas, frescurinhas. Está uma literatura pesada e triste.

Seguindo a lógica do leitor, podemos entender que, se sem as ditas "frescurinhas" o texto se põe como pesado e triste, tais frescuras seriam algo a tornar os escritos mais leves e alegres. A próxima SD, retirada da carta da leitora Sandra Maria C. de Albuquerque, de Campina Grande, Paraíba, reafirma esse ponto, no trecho que chamaremos de SD 15.2:

SD 15.2: Sabe, concordo com alguns leitores da sessão de cartas, quando dizem que o jornal precisa de mais humor, de mais frescura. Realmente LAMPIÃO ainda está muito sisudo, precisa de mais graça. De mais pena de pavão.

Chamamos essa SD de 15.2 por ser complementar ao comentário do leitor na SD anterior. Aqui, vemos a "frescura" ligada a "humor", "graça",

contrapondo-se a “sisudo”. Todo esse vocabulário usado nas duas SDs, que liga a “frescura” ao campo do risível e do humorístico e a dicotomiza a temas sérios, pesados e sisudos, corresponde a uma FI de que o que é relacionado à realidade guei deve estar cercado de alegria, entretenimento e enfeites (mais pena de pavão). Essa “alegria” – que já foi discutida como característica relacionada à homossexualidade no tópico 4.1 – faz parte do estereótipo do homossexual: alguém aberto, chamativo, *alegre*. Então fazer do texto escrito por homossexuais um texto *alegre* poderia ser reforçar o padrão estereotipado da sociedade, coisa contra a qual o Lampião posiciona-se veementemente. Cabe aqui dizer que o sujeito dono do discurso da SD 15 se declara como heterossexual; esse lugar de onde fala corrobora a ideia de que o guei como pessoa sempre *feliz* é uma visão externa e exotificadora sobre a homossexualidade. Na edição de número 2, vemos na carta de Carlos Schorr, de Porto Alegre, uma posição diferente, de onde tiramos a SD 16:

SD 16: Por favor, gente boa, nada disso! Sem frescura, pois aí cai de novo no ridículo e não leva a nada. Além disso, já está na hora de tomar uma conscientização, maior sobre a coisa e tentar entender a própria posição e a posição da sociedade com relação ao fato. Frescura é divertida, é jocoso, coisa e tal — mas na casa do vizinho ou em certos programas de TV. Nunca dentro da família de cada um. Vamos manter a coisa dentro de um limite de seriedade, debatendo, informando, conscientizando, mas as frescuras ficam para o carnaval.

Nesta SD vemos uma atitude totalmente oposta à anterior. O sujeito faz aqui uma série de relações de identidade e contrariedade com respeito à “frescura” que descortinam sobre a concepção de um homossexual sobre esse traço. A princípio, a relação entre “frescura” e “ridículo” já demonstra a carga negativa que essa palavra parece trazer, sendo inclusive algo que “não leva a nada”. Em seguida, vemos proximidades entre “frescura” e “divertido”, “jocoso”, dando a entender que é uma atitude realmente do domínio do riso, algo que é motivo de um certo escárnio pela visão social. Quanto às contrariedades, vemos que o sujeito contrapõe “frescura” a “conscientização”, “seriedade”, “informação”, algo desejável apenas à distância; entendemos que o domínio da “frescura” é contrário ao que é aceito dentro da família, podendo estar apenas na TV, na casa do Outro. Essas ideias mostram como o a FD do sujeito sobre o tema é a de que o comportamento entendido como “frescura” se afasta da normatividade social, não sendo aceito em assuntos que exigem mais

compromisso e seriedade. É uma oposição que encontra fundamentos na FI propagada pelo governo ditatorial militar, como forma de coibir a participação de uma série de sujeitos em espaços de debate e confronto de ideias.

A SD 16 encerra com o sujeito relegando as “frescuras” para o carnaval. Essa concepção de frescura como algo carnavalesco, pitoresco e ridículo é algo que também concorda com uma FI de que o homem deve abster-se de expressões que não estejam diretamente ligadas ao que se entende por comportamento masculino, sendo o carnaval e a TV espaços em que isso é permitido por se tratarem de situações informais, artísticas e atípicas, sazonais. É algo permitido, mas não com frequência, apenas como uma válvula de escape ou alívio cômico. Essa ideia de carnavalização, sendo a frescura algo exótico e pitoresco, é reafirmado pela SD 17, retirada de uma resposta do jornal a uma carta de leitor, ainda na edição zero:

SD 17: o pessoal da chamada Vênus Platinada acha que frescura não vende. Enquanto isso, Ney Matogrosso fatura adoidado, e sozinho.

A relação, nesta SD, entre “frescura” e Ney Matogrosso, conhecido por suas performances emblemáticas, chamadas por muitos de exóticas, teatrais, sempre com danças, movimentos, figurinos e rejeitos que rompem com a normatividade para o masculino, nos faz perceber como realmente a “frescura” é um conceito de rompimento com estruturas sociais. Ao não obedecer à norma comportamental para o corpo masculino, Ney Matogrosso é encaixado nas “frescuras”, ao mesmo tempo em que retirado de ideias capitalistas, considerado por muitos como algo que não vende, mesmo que mostre o contrário. Em mais uma SD que apresenta o vocábulo, vemos essa oposição de maneira mais incisiva, retirada do número 27, na carta de Walter Pereira, de Porto Alegre:

SD 18: Lamentei profundamente não poder estar presente no 1º Encontro Nacional de Homossexuais. Tirando toda aquela frescura típica da classe, considero o encontro de suma importância. [...] É um grande mal, bicha não lê, só pensa em frescuras.

Mais uma vez, aqui a FD em que o sujeito se inscreve é a que dicotomiza as “frescuras” e as coisas importantes. Mais à frente, também dicotomiza a própria leitura e os pensamentos em frescuras; a posição-sujeito aqui assumida é a de que as duas ações não podem coabitar, sendo distintas e

opostas, uma cancelando a outra. Isso também nos mostra uma diferença já falada, entre os membros da comunidade que são cultos, leem (provavelmente os homossexuais) e os que só pensam em frescuras – as bichas. Esse afastamento entre um comportamento mais efeminado e a intelectualidade possui raízes na FI que isola o feminino do campo intelectual, e, por consequência, as bichas da leitura e da seriedade, da importância.

Dessa forma, vemos aqui intrínseca uma oposição fundamental mais profunda: humor *versus* seriedade. Enquanto o jornal tenta passar uma imagem de profissionalismo, tratando de temas importantes, usando predominantemente termos mais técnicos (como majoritariamente usa “homossexual”), é inevitável desligar do imaginário social os temas gueis de todo o comportamento efeminado que reforça o estereótipo “alegre” e “risível”.

Essa oposição semântica entre o riso e o sério, que tem aberto discussões desde a poética aristotélica, acaba por também ser uma oposição de classes; enquanto a comédia é considerada mais baixa, e encontra espaço entre as classes menos prestigiadas, os temas cultos, a intelectualidade e a seriedade são tópicos de um nível superior, dando certo *status* a quem os pratica e não podendo se misturar com os níveis mais baixos do riso. Nisso, nas edições posteriores, o Lampião também apresenta uma ruptura: usando o vocabulário do gueto, típico das classes mais baixas, das bichas e daqueles que são motivo de escárnio, para tratar também de assuntos importantes para a comunidade e para a sociedade, busca romper com mais esse estigma e trazer as “frescuras” também para o campo da intelectualidade, adensando e complexificando a própria concepção a respeito das esferas da personalidade e da sexualidade humana.

4.8 Enfim...

A partir das análises aqui propostas, podemos entender bem mais sobre o pensamento da sociedade que produziu e consumiu o Lampião da Esquina,

seus ideais e ideologias intrínsecos ao uso da língua. Em nossa teoria aqui seguida, da AD pecheutiana, a linguagem não é mero instrumento de comunicação, mas tem densas ligações com as estruturas políticas que permeiam a sociedade – daí a concepção de discurso trabalhada neste estudo. Nesse sentido, percebemos como o uso (ou desuso) dos vocábulos aqui elencados demonstram sim um posicionamento político-ideológico sobre a homossexualidade, seus hábitos, sujeitos, espaços e conceitos.

As posições defendidas pelo corpo editorial de *Lampião* e por seus leitores nos permitem ainda ver como a lógica implantada pela ditadura militar brasileira adentrou fundo no imaginário social, no que diz respeito à homossexualidade enquanto quebra da ordem social, e relegou as expressões da comunidade LGBTQIAP+ às esferas do cômico, ou do escárnio, ou do crime; algo indesejável e de que a sociedade deveria manter distância. Como sujeitos empíricos, essas pessoas encontravam espaço nos becos, nas casas de festa, nos cantos escuros, nas esquinas. Com *Lampião*, essa esquina foi iluminada, e os sujeitos perseguidos puderam encontrar lugar no discurso para expressar-se de maneira livre, tomando os nomes depreciativos como identidade, resignificando-os e transformando-os em matéria de luta e transformação social.

5 A RESISTÊNCIA ENQUANTO IDENTIDADE: EFEITOS (D)E SENTIDOS

“Nosso orgulho é sobre luta e emancipação, sobre a demanda e a conquista de uma realidade que nos reconheça em nossa inalienável humanidade e nos respeite como sujeitos plenos de direitos. A luta continua.”

Rita Von Hunty

Todo o nosso percurso até aqui nos levou a um entendimento maior sobre o que toda a questão linguística trabalhada no *Lampião da Esquina* pode significar em termos de história e de estudos do discurso. Como vimos, o jornal, ao usar uma linguagem cheia do vocabulário típico dos guetos homossexuais das décadas de 70 e 80, trouxe à tona, além do debate sobre a vida homossexual, muitas ideias sobre as denominações que a comunidade recebia, assim como mudou a frequência e o tipo de uso dos vocabulários recuperados.

Cabe a nós, neste momento, fazermos dois apontamentos. Um deles, como nos propomos na construção deste trabalho, é o de mostrar como a ressignificação de alguns conceitos imbuídos no vocabulário do *Lampião* podem significar um acontecimento discursivo; o outro é mostrar a força e a influência do jornal, como formador de um vocabulário de identidade e de resistência, para a luta de movimentos pró-homossexuais. Para isso, é preciso voltar um pouco aos nossos conhecimentos sobre a teoria, o objeto e o contexto, assim como adentrar um pouco mais na questão do acontecimento discursivo.

É sabido que *Lampião da Esquina* não foi o *primeiro* jornal produzido por homossexuais ou voltado para este público. O próprio jornal, em cartas de leitores e em menções nas matérias, tematiza outras publicações anteriores e até simultâneas com intenções semelhantes. No entanto, *Lampião* se faz pioneiro em seus temas, abordando questões da vida social e da atuação política, não só da comunidade guei como um bloco homogeneizado, mas das intersecções de classe, raça, gênero (apesar de alguns problemas vistos) e acesso aos meios de informação; conseguiu manter-se por três anos, com periodicidade mensal e grande alcance. Como visto pelas cartas de leitores, o jornal foi do eixo Rio-São Paulo até estados distantes do Nordeste e do Norte, como visto em algumas SDs analisadas, retiradas de cartas de leitores da Paraíba e de Salvador, citando também acontecimentos do Pará; também chegou a leitores de maior ou de menor classe econômica, instrução e mesmo sexualidade. As opiniões na seção “Cartas na mesa” eram sempre as mais diversas, por vezes combativas e contrárias, como vimos no tópico 4.7. De acordo com MacRae (2018),

eles refletiam a grande diversidade de opiniões existentes, não só na redação do jornal, mas também entre o seu público leitor. Esse era sabidamente heterogêneo em termos de classe, cultura, idade, ideologia política, localização geográfica, etc (MACRAE, 2018, p. 161)

Essa variedade de público – apesar do evidente direcionamento a um público homossexual de maior instrução – interessa-nos aqui para atestar a vastidão do alcance de *Lampião*. Suas ideias correram grande parte do país, e suas publicações viraram pauta entre grupos de militância fortes na luta a favor

das minorias, como o grupo Somos, no Rio e em São Paulo, e o GATHO, em Olinda (MACRAE, 2018). O plano de circulação de *Lampião*, e dos efeitos de sentido provocados em seus textos, por sua diversidade em vários pontos, mostra sua relevância para o discurso popular, e, apesar de apagado pelos grandes meios de informação e muitas vezes negligenciado nos próprios estudos em história, conseguiu um alcance de dimensões louváveis em uma época de regulação restrita da circulação do que era publicado. Como ressaltam Cazarin e Rasia (2014),

Acreditamos, também, que acontecimentos em si, mesmo que negligenciados pelos historiadores, como afirma Le Goff (1996, p. 11), na perspectiva da AD, são entendidos no sentido de que essa negligência é também ela resultado de um gesto interpretativo, pois o “esquecimento” e/ou o silêncio também significam (CAZARIN; RASIA, 2014, p. 194)

Desse modo, consideramos *Lampião* como um acontecimento histórico, sendo um dos jornais voltados aos temas homossexuais de maior duração e alcance. Um fator que distingue *Lampião*, além do alcance e da durabilidade, como já dito, é o fato de os autores – o corpo editorial e colunistas – exibirem os próprios nomes na assinatura dos textos do jornal.

Além da qualidade de produção, esses jornais também diferiam do *Lampião* pelo fato dos seus autores geralmente esconderem suas identidades atrás de pseudônimos femininos. Isso, provavelmente, por duas razões: para evitar prejuízos às suas vidas profissionais ou familiares, e também porque, naquele tempo, a maioria dos homens que se consideravam como homossexuais ainda aderiam ao sistema tradicional de ordenação de identidades sexuais no qual “as bichas” eram geralmente associadas ao papel de gênero feminino. (MACRAE, 2018, p. 138)

Esse elemento de apropriação e de exposição dos produtores do jornal, revelando a identidade dos sujeitos donos daqueles posicionamentos tão irreverentes, mostra a faceta revolucionária do jornal nas figuras de seus redatores; tendo coragem e expondo-se, inspiraram também coragem no público, ao convidar os leitores para ocupar seu lugar no discurso. Não apenas o lugar que lhes era “cedido” pelo *modus operandi* da ditadura, mas o lugar que tinham direito, o lugar que quisessem. Isso não só foi importante para um processo de fortalecimento dos movimentos sociais na luta pelos direitos homossexuais, mas também para uma apropriação da própria identidade por meio da linguagem. *Lampião* também foi extremamente relevante ao fazer essa recuperação da linguagem usada *pela* comunidade e usá-la em assuntos

considerados sérios e nobres, e nos interessa como esse uso foi transformador e revolucionário. Consideremos, a seguir, as palavras de Trevisan (2018b):

E nós pensávamos a coisa inclusive de um ponto de vista linguístico, que eu acho que era uma coisa muito sofisticada pro período. Ou seja, nós resgatamos a linguagem do gueto, então a gente não tinha nenhum receio em falar “viado”, “bicha”, “baitola”, “sapata”. Nós resgatamos essas palavras consideradas terrivelmente duras e preconceituosas para desmistificar e transformar essas palavras em partes do nosso linguajar; então era um resgate de uma cultura, já. E uma cultura que existia e o Brasil teimava em negar. (TREVISAN, 2018b)

Como é possível entender da enunciação de João Silvério Trevisan, contida em uma entrevista dada ao Canal USP no *Youtube*, havia uma intencionalidade com esse resgate. O jornal *Lampião da Esquina* teve o compromisso e a iniciativa de recuperar não apenas vocabulários, mas uma composição cultural que era apagada no Brasil da ditadura militar.

Em nossa análise, pudemos ver como o jornal mobilizou sentidos diversos nos vocábulos observados em seu discurso, assim como trouxe à luz os sentidos mobilizados por essas palavras no discurso dos leitores. Vimos como muito do senso comum e da ideologia propagada pelo governo ditatorial permeava o discurso dos próprios componentes dos grupos LGBTQIAP+. No entanto, ao passo em que o jornal ganha mais solidificação em conceitos e mais repercussão, observamos como aumenta o uso de vocábulos antes considerados pejorativos, agora como elemento de identificação de si e da comunidade em geral. Apesar da predominância de “homossexuais”, como forma de dar seriedade e tecnicidade ao texto (considerado por muitos como “sisudo demais”), foi possivelmente isso que deu bases para a propagação do jornal entre os diferentes públicos; temos também como exemplo o aumento do uso de “bicha” e “viado”, por mais que estes tenham sido os que mais carregavam preconceito e estigmas. Nas últimas edições do jornal, já é bem comum ver leitores e a própria equipe editorial se identificando como “viados” e “bichas”. Essa apropriação da linguagem foi importante nos movimentos em geral.

Como já dito, grupos de militância social, como o SOMOS e o GATHO tiveram ajuda do *Lampião* no sentido de movimentar a comunidade homossexual na luta por direitos, inclusive como meio de veiculação de suas ideias. O *Lampião* publicou artigos em suas edições falando sobre os eventos

do SOMOS e a composição ideológica do grupo, como forma de apoio. Essa união de forças culminou em diversos movimentos na luta por direitos aos homossexuais, inicialmente integradas à luta dos trabalhadores do ABC Paulista, nas manifestações de greve geral no 1º de Maio. Interessante perceber como houve a preocupação da comunidade homossexual em integrar esta luta em defesa de direitos dos trabalhadores, porém delineando bem a interseccionalidade que coloca os homossexuais em situação de maior vulnerabilidade. Por essa “divisão” entre as prioridades de luta, o grupo SOMOS não se integrou por inteiro à manifestação, tendo uma parte de seus componentes montado a Comissão de Homossexuais Pró-1º de Maio, como podemos ver no texto de Wilson Honório da Silva (2021) e nas imagens a seguir:

Imagem 1. Comissão de Homossexuais Pró-1º de Maio na Greve Geral do ABC.



Foto: James Green, 1980.

Imagem 2. Faixa em defesa do/a trabalhador/a homossexual em manifestação de Greve Geral no ABC Paulista



Foto: Fernando Uchoa, 1980.

Vejamos, a seguir, as palavras de Silva (2021):

Dentro do Somos, também não havia consenso e, assim, o setor favorável à ida ao ato organizou uma “Comissão de Homossexuais Pró-1º de Maio”, contando com aliados de outras entidades, que também escreveu um panfleto que, além de levantar as pautas específicas do movimento, lembrava a todos e todas que, somos, sim, parte da classe operária. Uma parcela que, além da exploração capitalista, sofre com a opressão que se manifesta cotidianamente nos locais de trabalho. (SILVA, 2021, s/p)

O texto de Silva (2021) mostra como os grupos em defesa dos homossexuais já tinham consciência da luta e de suas interseccionalidades, sendo importante integrar-se a essas lutas para também receber apoio em sua própria causa. Muitas desses “cruzamentos” entre luta da classe trabalhadora e luta dos homossexuais foram relatadas, debatidas e veiculadas pelo Lampião.

Foi também em 1980 que aconteceu o evento considerado como a primeira manifestação pública do movimento LGBTQIAP+ no Brasil. Indignados contra a truculência policial contra a comunidade, em 14 de junho, a comunidade saiu em uma passeata organizada para denunciar a repressão da ditadura, em especial contra a figura do delegado José Wilson Richetti, símbolo da violência contra travestis. Podemos ver a figura a seguir, que retrata a manifestação:

Imagem 3. Passeata contra repressão policial



Fonte: Comissão da Verdade do Estado de São Paulo

Richetti e a repressão policial da ditadura também foram denunciados em várias edições de *Lampião*, como na 26, em que o nome do delegado aparece na capa. Nesta edição, de julho de 1980, na matéria *O Arouche é Nosso*, o jornal noticia a manifestação e dá visibilidade à luta de gueis, prostitutas, travestis, feministas, militantes dos movimentos negro e de esquerda. Esse incentivo e visibilidade deram mais força aos movimentos para continuar as lutas, dando voz a manifestações que não eram noticiadas na grande imprensa pelo medo da censura ditatorial.

Quanto ao problema de representação lésbica no jornal, mesmo sem intenções diretas, o *Lampião da Esquina* contribuiu para a proliferação de mais camadas do movimento. Após não concordarem com as poucas ou nenhuma matérias sobre o mundo lésbico nas edições do *Lampião* (que recorrentemente priorizava os homens homossexuais como foco), um grupo chamado Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF) criou o boletim *Chanacomchana*. De acordo com Gabriela Coutinho Sales (2019),

O público alvo deste boletim eram as mulheres lésbicas, assim como todos aqueles que quisessem aprender mais sobre o movimento e se inteirar sobre os debates da época. O boletim era um veículo usado pelas militantes para se aproximar das lésbicas, no plural, para que elas se sentissem representadas e acolhidas, os debates variam desde referências de livros acadêmicos, entrevistas, poesias, humor e sobre os mais variados temas. (SALES, 2019, p. 10)

O boletim Chanacomchana circulou entre 1982 e 1987, com publicações de periodicidade mais irregular e esparsa, porém também de alcance nacional. Como podemos perceber, é uma premissa próxima daquela que iniciou o *Lampião*. Essa frutificação de publicações voltadas para o público homossexual e que tirasse os assuntos de dentro dos guetos é também uma herança de *Lampião* no tocante à forma; o jornal deu abertura para que outros nichos pudessem também se expressar de modo mais representativo, coisa que não era vista como possibilidade até então.

Segundo Pêcheux (1990), a partir do momento em que um acontecimento histórico é inscrito no interdiscurso, perturbando a memória do discurso, rompendo com uma “estabilidade” de sentidos que existia previamente e promovendo uma outra “estabilização”, é também considerado um acontecimento discursivo. Na ordem do discurso, isso significaria uma alteração “no ponto de encontro de uma atualidade e de uma memória” (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Podemos tomar como exemplo da mudança de sentidos que *Lampião* promoveu mediante certos vocábulos pelo próprio nome de uma das colunas que apareceu no jornal: *Bixórdia*. Essa coluna, que mesclava indicações culturais, opiniões sobre fatos nacionais e pequenos atos da comunidade pelo Brasil, tratando tudo de maneira ácida e bem humorada, além de trazer informação, ressignificou a palavra “bicha” em um neologismo que trazia agora um sentido de identidade e espaço de expressão. Muitas outras colunas brincaram com isso ao longo do tempo de existência do jornal, como a coluna de “classificados” amorosos (um *Tinder* dos anos 80), chamada de *Troca-troca*; a expressão utilizada pelos heterossexuais para falar sobre as relações homossexuais agora ganhava o sentido de uma troca afetivo-sexual no âmbito do movimento simbolizada pela troca de cartas e de anúncios. Também houve a iniciativa de parte da equipe do jornal em criar um livro anedótico chamado “A Bicha que Ri”, com histórias e causos mandados por leitores do jornal. Isso

tudo foi naturalizando o uso dessas palavras e transformando seus sentidos a algo identitário e natural.

Neste sentido, considerando a linguagem utilizada até hoje, tanto internamente à comunidade LGBTQIAP+ quanto externamente, vemos que os sentidos de identidade da comunidade estão extremamente vinculados ao uso destas palavras e à subversão dos sentidos pejorativos delas. Nas novelas, no teatro, nos filmes e em produções culturais que retratem a comunidade LGBTQIAP+ é fácil encontrar este vocabulário em um uso leve e descontraído, de fato como uma identificação e não como xingamento. Obviamente, muitos setores da nossa sociedade ainda preservam valores conservadores e preconceituosos, ainda tentando usar vocábulos como os estudados aqui como xingamento, porém atualmente é muito mais fácil encontrar casos em que, após a tentativa de ataque com estas palavras, há uma resposta do tipo “Sim. E daí?”. Essa atitude mostra como muitas palavras já não são mais um motivo de vergonha ou prejuízo, e sim de identidade.

Considerando a mudança progressiva que o jornal promoveu nos sentidos mobilizados por tais palavras, podemos considerar que o discurso de *Lampião* se compõe como um acontecimento discursivo. E esse fato só foi possível pela inscrição dos sujeitos que produziram *Lampião* em FDs que rompiam com os pré-construídos acerca dos homossexuais para alterar as concepções acerca de suas representações no mundo. Sujeitos que tiraram essa vontade e esse posicionamento de suas próprias vivências, das opressões que viveram como sujeitos empíricos e que os inscreveram no discurso de um modo que não condizia com o que sentiam, ou como achavam que deveriam estar inscritos; daí vem o processo de resistência, em que há a atitude de (re)produzir-se no discurso como ser de sua representação-apresentação e de luta.

A publicação mudou muito os sentidos da luta homossexual no Brasil, tanto com relação ao vocabulário de identidade e de resistência que foi criado. Muitas palavras, expressões e FDs do jornal *Lampião da Esquina* hoje em dia são usadas mesmo por quem não tem conhecimento da existência do jornal. Essa marca que o jornal deixou na memória discursiva e no falar das gerações – no intradiscorso e no interdiscorso – são heranças de um ato político-

linguístico que transformou o modo como a comunidade LGBTQIAP+ olhava para si e para o outro.

É fato que o *Lampião da Esquina* poderia ter sido bem melhor. Mais acertado politicamente, com textos mais acessíveis, voltado para mais variedades dentro da comunidade homossexual. Porém, é importante reconhecer o triunfo em ter atingido um público tão amplo, abordado tantos assuntos e ter feito tanto progresso no desenvolvimento do debate sobre a vida homossexual no Brasil. Os “lupiônicos” não só lograram êxito em recuperar uma cultura em apagamento no Brasil, mas também em fazer essa cultura frutificar mais e mais. É por atitudes de coragem como essas aqui relatadas e demonstradas que hoje a comunidade LGBTQIAP+ pode lutar com mais liberdade e ter mais conquistas na busca por igualdade. Como grupo historicamente perseguido e oprimido, cada conquista vale, e cada ato conta. Do mesmo modo, é preciso, necessário e indispensável lembrar as lutas que nos permitiram chegar até aqui hoje, produzir saberes sobre estes sujeitos e suas atitudes de força, marcar seus lugares na história para que não sejam apagados e apoderar-se desse conhecimento para continuar uma luta que ainda tem muito para avançar.

Vivemos tempos obscuros. Tempos de risco, de volta das repressões, do conservadorismo que mata, da política que invisibiliza e apaga nossas existências. E são esses os tempos em que é mais preciso lutar pelo direito de existir, de resistir. São esses os tempos em que mais precisamos olhar para trás e buscar força nos que vieram antes de nós e travaram árduas batalhas para estarmos onde estamos hoje. São esses os tempos em que precisamos cruzar caminhos, travar embates, marcar nosso lugar como resistência. E é sempre bom contar com a ajuda da luz de um *Lupiônio*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APINAJÉ, Maria Deusa Brito de Sousa. **O eixo oralidade no livro didático de língua portuguesa: as discursividades entre autores e avaliadores das coleções aprovadas no PNLD 2018**. 2020. 153f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína-TO, 2020.

ARCANJO, Fábio Ávila. “Lampião da Esquina”: um veículo jornalístico voltado para o público gay masculino analisado à luz da teoria semiolinguística. In: **Ininga**. Vol 5, n. 1, jan/jun 2018, pp. 35-49. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/ininga/article/download/7115/4587> Acesso em 10/10/2021 às 20:42.

BORTOLETTO, Guilherme Engelman. **LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade**. 32 f. TCC (Especialização em Gestão de Produção Cultural) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

CAZARIN, Ercília Ana; RASIA, Gesualda dos Santos. As noções de acontecimento enunciativo e de acontecimento discursivo: um olhar sobre o discurso político. **Letras**, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 193-210, jan./jun. 2014.

GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pecheux**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

GALLO, Sílvio. **O ensino da língua x o ensino do discurso escrito**. 1989. 148f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, 1989.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao discursivo: o imbricamento de diferentes posições sujeito. In: **Seminário de Estudos em Análise do Discurso UFRGS**, 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 154-164. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>. Acesso em: dez. 2019.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro: Esquina Editora, n. zero, abr. 1978. 16p.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro: Esquina Editora, Ano 1, n. 1, mai./jun 1978. 16p.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro: Esquina Editora, Ano 1, n. 2 jun./jul 1978. 16p.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro: Esquina Editora, Ano 3, n. 27, ago. 1980. 20p.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro: Esquina Editora, Ano 3, n. 28, set. 1980. 20p.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro: Esquina Editora, Ano 3, n. 29, out. 1980. 20p.

MACRAE, Edward. O jornal Lampião da Esquina. In: **A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”** [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 137-164. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/yn5sj/pdf/macrae-9788523219987-11.pdf> Acesso em 12/10/2021 às 21:13.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: Princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico.** 5ª ed. Campinas: Pontes, 2007.

ORLANDI, Eni. Segmentar ou recortar? Lingüística: questões e controvérsias. Série Estudos 10. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984. Apud: APINAGÉ, Maria Brito de Souza. **O eixo oralidade no livro didático de língua portuguesa: as discursividades entre autores e avaliadores das coleções aprovadas no PNLD 2018.** 2020. 153f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Tocantins (UFT), Araguaína-TO, 2020.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e Leitura.** 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PÊCHEUX, Michel. Aplicação dos conceitos da Linguística para a melhoria das técnicas de análise de conteúdo. (p. 203 a 226) In: ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. (Trad. de Carolina Rodriguez-Alcalá). 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014b.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2014c.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento?** Trad. de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. Sobre os contextos Epistemológicos da Análise do Discurso. In: (p. 283 a 294) In: ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). **Análise de Discurso: Michel Pêcheux**. (Trad. Eni P. Orlandi). 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014a.

SALES, Gabriela Coutinho. **Lésbicas no debate da redemocratização: uma análise do boletim *Chanacomchana***. TCC (História) – Departamento de História, Universidade de Brasília. Brasília, 50f. 2019.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Org. Charles Bally et. al. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA JÚNIOR, Jorge Luiz da. **GUEI: nem comédia nem drama, um programa de TV contra o preconceito**. Monografia (Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 97 f. 2004.

SILVA, Jonathan Chasko da. **“Um dos homens seria travesti”:** análise do discurso jornalístico sobre as travestis em Cascavel -PR. 2017. 90f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel, 2017.

SILVA, Wilson Honório da. Um 1º de maio que marcou a história da luta LGBTI. **PSTU**, 2021. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/um-1o-de-maio-que-marcou-a-historia-da-luta-lgbti/> Acesso em 04 dez. 2021.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferreira. **A homossexualidade e a AIDS no Imaginário de Revisas Semanais (1985 – 1990)**. 2006. 235f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

SOUTO MAIOR JR, Paulo Roberto. **Escrever para inscrever-se: epistolografia homossexual nas páginas do Lampião da Esquina (1978-1981)**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 254 - 282. set./dez. 2016.

TREVISAN, João Silvério. [LGBTs no Regime Militar] – As Mídias Alternativas. [Entrevista concedida a] Canal USP. **Youtube**, 13 de jul de 2018b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FmfbxmVMVmM&t=2s> Acesso em 03 dez. 2021.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4ª ed., ver., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018a.

VASQUES, Lucas. **Beatriz Kushnir: Na ditadura, quem combatia a censura era a imprensa alternativa; hoje é a blogosfera**. Revista Fórum (on-line), 2018. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/forumweek/beatriz-kushnir-na-ditadura-quem-combatia-a-censura-era-a-imprensa-alternativa-hoje-e-a-blogosfera/> Acesso em 18/10/2021 às 20:15.

IMAGENS

GREEN, James. **Comissão de Homossexuais Pró-1º de Maio na Greve Geral do ABC**, 1980. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/polemica-com-a-apolgbt-o-que-realmente-significam-os-50-anos-da-revolta-de-stonewall/> Acesso em 04 dez. 2021.

UCHOA, Fernando. **Faixa em defesa do/a trabalhador/a homossexual em manifestação de Greve Geral no ABC Paulista**, 1980. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/um-1o-de-maio-que-marcou-a-historia-da-luta-lgbti/> Acesso em 04 dez. 2021.

COMISSÃO da Verdade do Estado de São Paulo. **Passeata contra repressão policial**, 1980. 1 fotografia. Disponível em: <http://comissaoдавerdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/parte-ii-cap7.html> Acesso em 04 dez. 2021.